

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

**ERONILMA BARBOSA DA SILVA**

**ANÁLISE CONTRASTIVA DE ASPECTOS FONOLÓGICOS DE  
HETEROTÔNICOS ENTRE PORTUGUÊS E ESPANHOL**

**MACEIÓ, SETEMBRO/2008**

**ERONILMA BARBOSA DA SILVA**

**ANÁLISE CONTRASTIVA DE ASPECTOS FONOLÓGICOS DE  
HETEROTÔNICOS ENTRE PORTUGUÊS E ESPANHOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística, sob a orientação da Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa.

**MACEIÓ, SETEMBRO/2008**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
**Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale**

S586a Silva, Eronilma Barbosa da.  
Análise contrastiva de aspectos fonológicos de heterotônicos entre português e espanhol / Eronilma Barbosa da Silva. – Maceió, 2008.  
88 f.

Orientadora: Januacele Francisca da Costa.  
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2008.

Bibliografia: f. 70-74.  
Anexos: f. 75-88.

1. Língua portuguesa – Fonologia. 2. Língua espanhola – Fonologia.  
3. Heterotônicos. 4. Análise contrastiva. I. Título.

CDU: 801.4

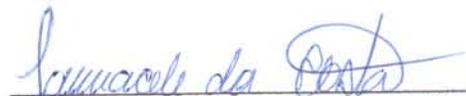
## TERMO DE APROVAÇÃO

**ERONILMA BARBOSA DA SILVA**

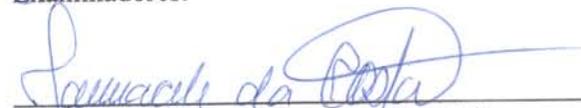
### **Análise contrastiva de aspectos fonológicos de heterotônicos entre português e espanhol**

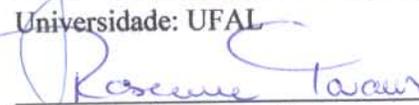
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Lingüística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Januacele Francisca da Costa

Examinadores:

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Januacele Francisca da Costa  
Universidade: UFAL

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Roseanne Tavares  
Universidade: UFAL

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Alberto Miranda Poza  
Universidade: UFPE

Maceió, 08 de setembro de 2008.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Eronildes e Maria do Socorro, que me ensinaram a ser perseverante.

Aos meus irmãos, que fizeram parte da torcida com palavras de incentivo, e especialmente a minha irmã Eliane pelas palavras de apoio.

A minha orientadora. Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa, pelas orientações e pela dedicação.

Aos professores do PPGLL.

Aos professores Dra. Roseanne Tavares e Dr. Aldir Santos de Paula, pela leitura do trabalho e sugestões preciosas por ocasião da Banca de Qualificação.

Aos colegas, pelo apoio na caminhada.

Ao Ser Supremo, a quem é devida toda a inspiração e de quem provém tudo o que temos, somos e venhamos a ser.

*Aos meus filhos, Marcos Pierre e Estéfany Adaís, a quem reneguei um tempo precioso em busca desta realização. Desejo que este seja parte do legado que nesta vida lhes deixo.*

*Ao meu esposo Roberto Enzo, com quem compartilhei minhas ansiedades, em quem encontrei apoio incondicional mesmo quando estávamos a milhares de quilômetros de distância.*

*“Siempre que enseñes, enseña a la vez a dudar de lo que enseñas”*

*José Ortega y Gasset*

## RESUMO

Este trabalho trata de um dos aspectos da língua espanhola, que, para brasileiros estudantes de espanhol e hispano-falantes estudantes de português, constitui um desafio, os heterotônicos. A maioria das palavras mantém em português e espanhol a mesma localização da sílaba tônica, conservando a posição que herdaram da língua de origem. Este grupo de palavras, entretanto, sofreu uma transposição do acento de intensidade nas duas línguas. Quando se observa que algo não soa bem na produção oral ou escrita de aprendizes, se supõe que aí estejam implicados conhecimentos das leis imanentes que regulam toda e qualquer língua. E, se por um lado a Linguística Aplicada apresenta explicações para os desvios e dificuldades, por outro, não esclarece que fatores fonéticos e fonológicos contribuem para que estes ocorram, cabendo às Teorias Fonológicas, nesse caso, a tarefa de responder as questões relacionadas aos fatores que promovem as divergências. Entre os que podemos mencionar brevemente estão a combinação de fonemas em sílabas, os tipos silábicos e os aspectos prosódicos e métricos que regem cada língua particularmente. A metodologia adotada para este trabalho está baseada numa análise contrastiva fonológica de uma lista representativa dos heterotônicos, fruto de experiências vividas como professora de espanhol para brasileiros e de experiências e dificuldades pessoais. A lista foi submetida primeiramente a uma investigação bibliográfica, e para isso recorremos a dicionários, manuais de latim e de filologia românica. Em segundo lugar, nos apoiamos para a análise nos pressupostos das teorias fonológicas modernas. Finalmente agrupamos os heterotônicos de acordo com os aspectos fonológicos comuns a cada caso observado. As explicações a que chegamos pretendem contribuir para a elaboração de materiais didáticos e procedimentos de ensino do espanhol para brasileiros e do português para hispano-falantes que contemplem de modo mais explícito e consciente as regras de acento que estão implicadas no caso dos heterotônicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua Portuguesa; Língua Espanhola; Heterotônicos; Fonologia; Análise Contrastiva.

## RESUMEN

Este trabajo trata de unos de los aspectos de la lengua española que, para brasileños estudiantes de español e hispanohablantes estudiantes de portugués constituye un desafío, los heterotônicos. La mayoría de las palabras mantienen en portugués y en español la misma localización de la sílaba tónica, conservando la posición que heredaron de la lengua de origen. Este grupo de palabras, sin embargo, sufrió una transposición del acento de intensidad en las dos lenguas. Cuando se observa que algo no suena bien en la producción oral o escrita de aprendientes, se supone que ahí están implicados conocimientos de las leyes inmanentes que reglan toda y cualquier lengua. Y, si por un lado la Lingüística Aplicada presenta explicaciones para los fallos y dificultades, por otro, no aclara qué factores fonéticos y fonológicos contribuyen para que ellos ocurran, cabiéndole a las Teorías Fonológicas, en este caso, la tarea de responder a las cuestiones relacionadas a los factores que promueven las divergencias. Entre los que se pueden nombrar brevemente están: la combinación de fonemas en sílabas, los tipos silábicos y los aspectos prosódicos y métricos que rigen la acentuación en cada lengua particularmente. La metodología adoptada para este trabajo está basada en un análisis contrastivo fonológico de una lista representativa de heterotônicos fruto de experiencias vividas como profesora y de experiencias y dificultades personales. La lista fue sometida primeramente a una investigación bibliográfica, y para ello recurrimos a diccionarios, manuales de latín y de filología románica. En segundo lugar, nos apoyamos para el análisis en los presupuestos de las teorías fonológicas modernas. Finalmente agrupamos los heterotônicos de acuerdo con los aspectos fonológicos comunes a cada caso observado. Las explicaciones a las que llegamos pretenden contribuir para la elaboración de materiales didácticos y procedimientos de enseñanza del español para brasileños y del portugués para hispanohablantes que contemplen de modo más explícito y consciente las reglas de acento que están implicadas en el caso de los heterotônicos.

**PALABRAS-CLAVE:** Lengua Portuguesa; Lengua Española; Heterotônicos; Fonología; Análisis Contrastivo.



## ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

A - ataque

R - rima

Nu - núcleo

Co - coda

C - consoante

V - vogal

v - semivogal

$\sigma$  - sílaba

$\Sigma$  - pé métrico

$C_0$  - qualquer número de consoantes

[sil] - traço silábico

( $\mu$ ) - mora

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO-----ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

1 O PROBLEMA----- ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

2 IMPORTÂNCIA DAS PESQUISAS FONOLÓGICAS PARA O ENSINO DE LÍNGUAS- ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

3 TUDO NA LÍNGUA TEM UMA EXPLICAÇÃO ----- ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

CAPÍTULO 1: O LATIM, O PORTUGUÊS E O ESPANHOL-- ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

1.1 INTRODUÇÃO ----- ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

1.2 O LATIM----- ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

1.2.1 História externa -----Erro! Indicador não definido.

1.2.2 História interna -----Erro! Indicador não definido.

1.3 DOIS ASPECTOS DA FONOLOGIA: A SÍLABA E O ACENTO EM PORTUGUÊS E EM ESPANHOL  
----- ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

1.3.1 A sílaba-----Erro! Indicador não definido.

1.3.2 O acento-----Erro! Indicador não definido.

CAPÍTULO 2: O ACENTO E A SÍLABA NAS TEORIAS FONOLÓGICAS -----ERRO!  
INDICADOR NÃO DEFINIDO.

2.1 INTRODUÇÃO ----- ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

2.2 Do modelo gerativo clássico à fonologia não-linear-----Erro! Indicador não definido.

2.3 A teoria da sílaba -----**Erro! Indicador não definido.**

2.3.1 Duas teorias da estrutura da sílaba-----**Erro! Indicador não definido.**

2.3.2 Tipos de sílaba-----**Erro! Indicador não definido.**

2.4 A teoria métrica -----**Erro! Indicador não definido.**

CAPÍTULO 3: ANÁLISE CONTRASTIVA DE ASPECTOS FONOLÓGICOS DE  
HETEROTÔNICOS ENTRE PORTUGUÊS E ESPANHOL ---- **ERRO! INDICADOR NÃO  
DEFINIDO.**

3.1 INTRODUÇÃO ----- **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**

3.2 GRUPO 1: PALAVRAS CUJA SÍLABA FINAL É C<sub>0</sub> EM PORTUGUÊS E C<sub>0</sub> EM ESPANHOL  
----- **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**

3.3 GRUPO 2: PALAVRAS TERMINADAS EM SÍLABA PESADA (C<sub>0</sub>VC) -----**ERRO! INDICADOR NÃO  
DEFINIDO.**

3.3.1 Grupo 2A: Oxítona em português, paroxítona em espanhol-----**Erro! Indicador não  
definido.**

3.3.2 Grupo 2B: Oxítona em Espanhol, paroxítona em português -----**Erro! Indicador não  
definido.**

3.4 GRUPO 3: OXÍTONA EM PORTUGUÊS, PROPAROXÍTONA EM ESPANHOL ---- **ERRO! INDICADOR  
NÃO DEFINIDO.**

3.5 GRUPO 4: PALAVRAS ESDRÚXULAS ----- **ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.**

3.5.1 Grupo 4A: Proparoxítona em português, paroxítona em espanhol --**Erro! Indicador não  
definido.**

3.5.2 Grupo 4B: Paroxítona em português, proparoxítona em espanhol --**Erro! Indicador não  
definido.**

CONCLUSÃO -----ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

REFERÊNCIAS -----ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

ANEXOS.....71

## INTRODUÇÃO

### 1 O problema

Chamamos heterotônicos a um grupo de vocábulos que, no processo evolutivo das línguas português e espanhol, mantiveram aspectos semelhantes tanto na escrita como no significado, enquanto no âmbito fonético-fonológico apresentam divergências apenas em relação à posição do acento.

Para brasileiros estudantes de espanhol, os *heterotônicos*, também chamados de *heteroprosódicos*, constituem um grupo de palavras que representa um desafio para a aprendizagem, uma vez que a maioria das palavras conserva em português e espanhol a mesma localização da sílaba tônica, conforme a posição que herdaram da língua de origem (o latim vulgar), enquanto que outras sofreram uma transposição do acento de intensidade de forma distinta em cada uma das línguas.

A evolução diferente em um conjunto de palavras específicas nas duas línguas, também chamada, em Filologia, hiperbibasmo, pode ser de dois tipos:

1) transposição do acento de uma sílaba para a anterior ou sístole.

Latim	Português	Espanhol
ě ě		ě ě
ě ě	Ídolo	

No exemplo acima, em latim, herdada do grego, a sílaba acentuada era a penúltima. Nas duas línguas em questão, houve uma sístole, deslocamento do acento para a sílaba precedente. Nesse sentido, houve uma convergência em relação à mudança.

2) transposição do acento de uma sílaba para a posterior ou diástole.

Latim	Português	Espanhol	
ě	ě	ě	Milhar

Neste segundo exemplo, em latim, a sílaba acentuada também era a penúltima. Nas duas línguas em questão, houve uma diástole, deslocamento do acento para a sílaba posterior. Também nesse sentido, houve uma convergência em relação à mudança.

Nos casos chamados heterotônicos, ocorre uma divergência na evolução do sistema acentual. Nos exemplos dados abaixo, podemos observar que não há convergência em relação à mudança, pois quando em uma das línguas se mantém o padrão acentual do latim na outra ocorre sístole ou diástole.

Diástole em espanhol:

Latim	Português	Espanhol
ě ě	ě ě	
	ě ě	Cérebro

Diástole em português:

Latim	Português	Espanhol
ě ě ě ě		ě ě Oě ě
	ě ě Oě	Academia

Sístole em português:

Latim	Português	Espanhol	
.	.	.	Míope

Sístole em espanhol:

Latim

Português

Espanhol

Rubrica

Neste trabalho, apresentamos uma análise contrastiva dessas palavras nas duas línguas desde sua origem e evolução, bem como a verificação de que aspectos da formação das palavras estão implicados nas semelhanças e divergências das mesmas. O objetivo da investigação é procurar caminhos para a explicação da existência desse grupo de palavras nas duas línguas e, finalmente, formular regras mais claras quanto à acentuação, regras que possam ser utilizadas no ensino de espanhol para brasileiros e vice-versa.

## 2 Importância das pesquisas fonológicas para o ensino de línguas

Tarone (1987), tratando da Fonologia da Interlíngua<sup>1</sup>, ressalta que a produção oral no processo de aquisição é negligenciada em pesquisas. Referindo-nos particularmente a estudos comparativos entre português e espanhol nas universidades brasileiras, podemos dizer que já temos avançado consideravelmente em várias áreas, mas especialmente em fonética e fonologia ainda há muito que estudar para que possamos alcançar melhores resultados no ensino da língua espanhola no Brasil, como também contribuir para o ensino de língua

---

<sup>1</sup> Interlíngua é a linguagem produzida por falantes de línguas estrangeiras durante o processo de aprendizagem. É caracterizada pela interferência da língua materna. Podemos dizer, então, que Fonologia da Interlíngua é o estudo dos aspectos fonológicos envolvidos no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.

portuguesa em países hispânicos. Cremos na necessidade de uma reflexão mais aprofundada e criteriosa sobre a língua materna do aprendiz, assim como sobre a língua alvo, de modo a contribuir para um modo de ensino mais consciente, o que contribui para um processo de ensino-aprendizagem mais eficiente, já que tanto aprendizes quanto professores desejam alcançar a meta de se tornarem bons falantes da língua estrangeira.

Concordamos com Lado (1972), para quem o estudo comparativo dos sistemas sonoros de duas línguas pode ser em determinados momentos difícil, árido, tedioso e abstrato, mas se torna grande aliado na preparação de livros didáticos, na complementação dos materiais já existentes, na avaliação de métodos e no diagnóstico das dificuldades do aprendiz em relação ao novo sistema lingüístico.

Sobre problemas de pronúncia, mesmo que se referindo a questões fonéticas, Lado (1972, p.39) diz que "como as palavras que são semelhantes na forma em duas línguas apresentam padrões de correspondência entre a língua estrangeira e a nativa as pronúncias incorretas dos alunos serão freqüentemente previsíveis [...]".

Referindo-se ao ensino de português para hispano-falantes, o que cremos ser aplicado também ao processo inverso, ou seja, espanhol a falantes de português LM<sup>2</sup>, Almeida Filho (1995), baseado em Older e Ziahosseiny (1970), afirma que a interferência pode ser ainda maior quando o que vai ser aprendido é mais semelhante ao já aprendido, do que quando o que vai ser aprendido é totalmente novo em relação aos conhecimentos anteriores. Segundo esse autor, as semelhanças podem oferecer a sensação de que a aprendizagem vai ser facilitada. Entretanto, a ausência de claros definidores de aspectos da nova língua pode implicar em complicações no processo de aprendizagem.

Almeida Filho conclui que línguas muito próximas levam o aprendiz a viver numa zona de facilidade enganosa. Apesar de existirem vantagens nessa proximidade, se as

---

<sup>2</sup> Língua Materna.

mesmas forem combinadas a traços afetivos como capacidade de risco, segurança ou mesmo extroversão, sem os quais o aprendiz pode retardar sua produção comunicativa, a tal facilidade provoca uma falta de atenção a determinados aspectos lingüísticos, podendo levar ao estacionamento na interlíngua em patamares de baixa produção vocabular, não por falta de inter-compreensão mas por inadequação.

Para Vandresen (1988), os desvios na língua estrangeira estudada são manifestações da interferência da língua materna do aprendiz, pois o aprendiz se apropria de traços fonológicos, morfológicos e sintáticos da língua materna ao fazer uso da língua alvo. Assim, o grau de diferenças existentes entre as duas estruturas resultará em facilidade ou em dificuldade no processo de aprendizagem.

Sobre estas mesmas questões, Ferreira (1995) afirma:

Devido a proximidade tipológica entre as línguas (português e espanhol) existe o mito da facilidade. No entanto, se por um lado a semelhança facilita o entendimento, por outro lado são constantes as evidências de transferência negativa e, eventualmente, de fossilização<sup>3</sup>. (FERREIRA, 1995, p. 40).

O aprendiz de línguas aparentadas está com os processos fonológicos da sua língua materna ativados e por esta razão não deve conseguir distinguir certas diferenças fônicas da língua estrangeira. Assim, é provável que os problemas apresentados nas produções de aprendizes de espanhol/LE<sup>4</sup> falantes de português/LM e de aprendizes de português/LE falantes de espanhol/LM com palavras heterotônicas possam ser atribuídos à falta de atenção às semelhanças e diferenças, à transferência ou à interferência da língua materna, o que incorre em inadequações ou dificuldades num percentual elevadíssimo. Não havendo um tratamento em tempo e modo adequados, essas inadequações ou dificuldades se fossilizam.

---

<sup>3</sup> Fossilização de erros ou cristalização são “erros” no uso da língua estrangeira já internalizados e difíceis de serem eliminados.

<sup>4</sup> LE: Língua Estrangeira.

Tem-se observado uma série de mudanças pelas quais passam as metodologias de ensino de línguas, muitas vezes radicais quanto aos procedimentos, aos conteúdos, e às metas que se propõem alcançar através do ensino.

Essas mudanças são fruto do desenvolvimento pelos quais passam as teorias que embasam o ensino de línguas estrangeiras como a Lingüística, a Sociolingüística, a Psicolingüística, e trazem como resultado novos princípios e pressupostos que afetam as perspectivas sob as quais o ensino de LE passa a ser concebido. Essas mudanças, ocorridas primeiramente na Lingüística pelas ideias de Chomsky (1960) e suas noções de *competência* e *desempenho*, abriram portas para novos enfoques e construtos.

Hymes critica o lingüista citado anteriormente por não dar importância aos aspectos sociais, conceituando *competência comunicativa* como "o conhecimento (prático e não necessariamente explicitado) das regras psicológicas, culturais e sociais que comandam a utilização da fala num quadro social" (HYMES, apud SILVEIRA, 1999, p.73).

Almeida Filho (2002, p. 26-27) apresenta provas de um crescimento e (re)organização desses conhecimentos disponíveis a partir de novas teorizações que a aquisição/aprendizagem de língua estrangeira tem adquirido, como, por exemplo, a contribuição de Krashen (1982) com o seu modelo de aquisição composto de grandes hipóteses como, a do organizador, do filtro afetivo, do insumo e do monitor. Ao nível interno, esses mecanismos operariam a filtragem emocional do insumo lingüístico, a organização subconsciente e duradoura do insumo enquanto capacidade comunicativa, e a supervisão e auxílio do monitor consciente de regras.

Como profissionais do ensino do espanhol/LE para brasileiros, uma de nossas maiores preocupações é encontrar meios pelos quais possamos primeiramente entender e, logo, procurar resolver determinadas inadequações que insistem em permanecer nas produções de brasileiros falantes de espanhol, e que, na maioria dos casos, nos levam a crer

que se trata de problemas ocasionados pela proximidade das duas línguas, a materna e a estrangeira, e a pouca importância que se dá a este aspecto tão especialmente relacionado ao ensino de espanhol para falantes de português como língua materna.

Daí a tendência de recorrer à análise contrastiva que se observa na grande maioria das investigações produzidas nas universidades brasileiras e em algumas de outros países da América do Sul, como Uruguai e Argentina.

A análise contrastiva, segundo Fernández (1997, p.14), surgiu promovendo um método de trabalho que, na sua versão forte, evitaria erros pelo fato de apoiar-se na convicção de que todos os erros podem ser prognosticados e, assim, identificadas as diferenças e semelhanças entre a língua materna e a língua meta. Há vários marcos desta teoria: Fries (1945), Weinreich (1953) e Lado (1957). Lado (1957) sintetiza as idéias anteriores e desenvolve a metodologia da análise contrastiva.

Do ponto de vista psicolinguístico, a AC<sup>5</sup> se fundamenta no condutismo e em sua teoria da aprendizagem por associação de estímulo, resposta, reforço e hábito. E apesar do seu declínio nos anos setenta, decorrente das várias críticas que sofreu, procedentes de novas correntes, como o gerativismo, e das novas hipóteses sobre a aquisição da linguagem, principalmente da Sociolinguística e da Pragmática, abriu caminho para a análise de erros que, sendo a versão suave da AC (WARDAUGH, 1970 e STREVEENS, 1971), se detém apenas em identificar os erros que são resultado da interferência da língua materna no processo de aquisição/aprendizagem<sup>6</sup> da língua-alvo. Não parte da comparação das duas línguas em questão, mas da produção real dos aprendizes. Compreende os passos seguintes.

(i): Identificación de los errores en su contexto; (ii): Clasificación y descripción; (iii): Explicación, buscando los mecanismos o estrategias

---

<sup>5</sup> Análise Contrastiva.

<sup>6</sup> Preferiremos utilizar o termo aprendizagem, seguindo a teoria de Krashen, segundo a qual existem duas maneiras de desenvolver a competência em uma língua: a "aquisição", que é um processo inconsciente, idêntico em seus aspectos fundamentais ao processo que utilizam as crianças ao adquirir sua primeira língua, enquanto; e "aprendizagem", que é um processo consciente que tem como resultado o conhecimento "sobre a linguagem." (KRASHEN, 1985:1, apud FERNÁNDEZ, 1997: 37).

psicolingüísticas y las fuentes de cada error: en este punto entra la posible interferencia de la LM, como una estrategia más; (iv): Si el análisis tiene pretensiones didácticas, se avalúa la gravedad del error y se busca la posible terapia. (CORDER, 1967 apud FERNÁNDEZ, 1997, p. 18).<sup>7</sup>

É importante lembrar que a valorização do erro é algo que contribui para a aprendizagem, para a perda do medo de errar. O ensino de línguas estrangeiras por meio de abordagens comunicativas está baseada na valorização dessas atitudes, que incentivam o aprendiz a ensaiar mesmo com pouco recursos e avaliando progressivamente seus erros. Na AE<sup>8</sup> são consideradas a conscientização do aprendiz de suas próprias estratégias e a interação discursiva para que possa re-estruturar os aspectos lingüísticos destoantes. (FERNÁNDEZ, 1997, p.19)

Entendemos que as inadequações no uso de palavras heterotônicas, de certa forma, não representam um erro que impossibilita nem supõe uma barreira para a comunicação. Porém, cremos que o ensino da pronúncia deve ser observado desde os primeiros estágios do processo ensino-aprendizagem com base numa observação detalhada por parte do professor daqueles aspectos que são sutilmente divergentes. Destacamos aqui duas classificações que são atribuídas aos erros:

1) estigmatizadores com relação ao falante, (VÁSQUEZ, 1987, apud FERNÁNDEZ, 1997, p. 31).

2) fatores de diversão, (FERNÁNDEZ & RODRÍGUEZ apud FERNÁNDEZ, 1997, p. 31), que podem funcionar muitas vezes como distrator da comunicação.

Por todos esses motivos, este trabalho visa apresentar, primeiramente, os fatores lingüísticos que, na evolução do latim para o espanhol e para o português, deram origem aos heterotônicos. Em segundo lugar, expor os aspectos fonológicos que estão envolvidos nas

---

<sup>7</sup> (i): 1. Identificação dos erros em seu contexto; 2. Classificação e descrição; 3. Explicação, buscando os mecanismos ou estratégias psicolingüísticas e as fontes de cada erro: neste ponto entra a possível interferência da língua materna como uma estratégia mais; 4. Se a análise tem pretensões didáticas, se avalia a gravidade do erro busca-se a possível terapia. (CORDER, 1967 apud FERNÁNDEZ, 1997, p. 18. (Tradução nossa ).

<sup>8</sup> Análise de Erros.

semelhanças e divergências das palavras heterônicas e, assim, contribuir para o incentivo ao aprimoramento de estratégias de tratamentos mais eficazes para esta dificuldade no ensino do espanhol para brasileiros e também do português para hispânicos.

Para alcançar estes objetivos, adotamos uma metodologia baseada na análise de um *corpus* levantado através de experiências vivenciadas na sala de aula como professora de espanhol para brasileiros, na observação das produções de falantes de espanhol/LM aprendizes de português /LE em alguns países da América do Sul e das minhas experiências pessoais como falante de português e espanhol.

Os heterotônicos apresentados neste trabalho não são os únicos encontrados em português e espanhol, e desde o início não tínhamos a pretensão de esgotar as possibilidades de novos descobrimentos, dado que mais que apresentar uma lista objetivamos determo-nos no estudo de tão somente um número representativo deles, que apresentassem aspectos que, considerada a natureza da língua, devem ser comuns a todos os demais que possamos listar. Assim, podemos pressupor que outros heterotônicos possíveis de serem encontrados entre português e espanhol deverão encaixar-se em um dos grupos que estabelecemos a partir da nossa investigação.

Essa lista foi submetida a uma investigação bibliográfica. Recorremos a dicionários, gramáticas, manuais de latim e filologia românica, para a identificação dos fenômenos de mudança. E para a compreensão e análise das questões relativas a aspectos acentuais nas duas línguas, em relação aos heterotônicos, principalmente, fundamentamos nosso estudo nos pressupostos das teorias fonológicas modernas, conforme definidas adiante, no Capítulo 2.

3 Tudo na língua tem uma explicação

Ao percebermos algo destoante na produção oral ou escrita de aprendizes de uma língua qualquer, deve-se pressupor que aí estão implícitos os conhecimentos das leis imanentes que regulam toda e qualquer língua. Para o caso das palavras heterotônicas ou também chamadas heteroprosódicas, não são satisfatórias respostas simplistas ou meramente intuitivas, pelo fato de sabermos que existem ciências que podem auxiliar-nos a encontrar respostas mais esclarecedoras. Nesse sentido, temos a Lingüística Histórica, que é fundamental nos estudos românicos em particular.

Os estudos evolutivos da Lingüística Histórica utilizam o método histórico-comparativo, que trata a língua em uma perspectiva diacrônica e busca mostrar os fatos estruturais que interferiram para a manutenção ou mudança. Dito de outro modo e aplicado ao nosso objeto de estudo, o estudo da mudança pode jogar um pouco de luz sobre a existência dos heterotônicos em duas línguas proximamente aparentadas, derivadas de um ancestral comum, o latim, como é o caso do português e do espanhol.

Se a Lingüística Histórica pode nos fornecer os subsídios necessários sobre o sistema fonológico do Latim e, junto com a Lingüística Românica, sobre a evolução desse sistema em direção às línguas românicas modernas, por outro lado precisamos de teorias lingüísticas contemporâneas, com maior poder explicativo, que podem responder a questões relativas aos fatores que promovem as divergências, explicando os fenômenos observados. No nível da fonologia, a combinação de fonemas em sílabas, os tipos silábicos e aspectos prosódicos e métricos que dão conta da acentuação das palavras podem ser observados de modo a revelarem fatos de estrutura da língua que permitem explicar o conhecimento da língua pelo falante (competência) e o seu uso real da língua (desempenho).

Assim, para tratar os fatores intrínsecos ao fenômeno, verificaremos que aspectos do padrão acentual e da estrutura silábica das duas línguas estão envolvidos na evolução, nas semelhanças e nas divergências. Para isso, buscaremos apoio teórico nas teorias fonológicas

não-lineares como a Fonologia Métrica, que dá conta das regras de acentuação, e na Fonologia Prosódica, especificamente, a Teoria da Sílabas. Todos esses modelos estão filiados à Teoria Gerativa. Trataremos desses aspectos, conforme já informamos antes, no Capítulo 2. No próximo Capítulo, apresentamos algumas considerações sobre as três línguas envolvidas, pois as consideramos importantes para o nosso estudo.

## CAPÍTULO 1: O LATIM, O PORTUGUÊS E O ESPANHOL

### 1.1 Introdução

Admitindo que alguns entendimentos sobre determinadas mudanças lingüísticas só podem ser obtidos por meio de estudo histórico, ou precisamente com base na Lingüística histórico-comparativa, neste trabalho, não podemos deixar de apresentar aspectos de alguns temas que envolvem o estudo dos Heterotônicos com base nesta perspectiva.

Desde o século XIX, a Lingüística Histórica e a Lingüística Comparada têm desempenhado um papel muito importante na compreensão do funcionamento e desenvolvimento das línguas naturais. Estudar o desenvolvimento das línguas no decorrer do tempo, as mudanças lingüísticas ocorridas de um período a outro, suas causas e resultados são objetivos da Lingüística Histórica. Por sua vez, a Lingüística Comparativa estuda comparativamente duas ou mais línguas diferentes procurando estabelecer relação de parentesco entre as mesmas, confrontando-as de modo a chegar a sua origem comum.

Desse modo, neste capítulo discutiremos alguns aspectos das línguas envolvidas, desde que os julgamos necessários para a investigação a que nos propomos.

### 1.2 O latim

O propósito desta secção é apresentar aspectos externos e internos da história do latim que nos parecem relevantes para a verificação do fenômeno dos heterotônicos.

### 1.2.1 História externa

Para verificar o processo de mudança pelo qual passaram as palavras heterotônicas em português e em espanhol até chegarem à forma atual, decidimos, num primeiro momento, observar alguns fatos concernentes à origem e evolução dessas duas línguas.

Creemos ser possível compreender estas divergências dando os primeiros passos com o apoio da lingüística histórica, primeiramente, porque como já dissemos antes, as línguas implicadas neste problema têm em comum a mesma origem, o latim vulgar. E em segundo lugar, muitos estudos feitos até hoje sobre acento nas línguas românicas mostram indícios das mudanças que o latim sofreu no processo que resultou nas línguas românicas modernas.

Pertencendo à família indo-européia, o latim tem uma história que pode ser dividida em cinco épocas: pré-literária, arcaica, clássica, imperial pós-clássica e imperial tardia. Porém é importante também lembrar que, nos séculos II e III a.C, antes que o Latim se impusesse, era o grego que se ouvia em todos os lugares em Roma, tanto no mundo dos negócios quanto em todos os meios populares e nos ambientes das pessoas mais instruídas. Com a conquista da Grécia, o uso do grego acentuou-se tanto pela vinda de escravos gregos como pela influência da retórica e da filosofia gregas na sociedade intelectual, “Os primeiros pensadores latinos escreveram em grego” (GRIMAL, 1960, p. 173-174 apud WALTER, 1997, p. 94). Isso demonstra que o latim atravessou longos séculos de história que se confunde nos primórdios com a de Roma, e na sua evolução diversificou-se, permitindo o surgimento da grande família das línguas românica, entre as quais se encontram o português e o espanhol. (WALTER, 1997).

A difusão do latim como uma língua dominante data do século VIII a. C, e compreende o período entre a fundação de Roma e a queda do Império Romano do Ocidente. Em 753 a. C, antes da fundação de Roma, povos de muitas origens ocupavam a Itália, mas logo seriam submetidos à dominação romana. Nesse período, os etruscos instalaram-se entre o Tibre e o Arno, ao norte do Lácio e também os gregos fundaram suas colônias no sul da Península e na Sicília<sup>9</sup>.

Porém a história da língua latina remonta a séculos bem anteriores, quando era apenas a língua de camponeses, mercadores e soldados. Junto com a expansão de Roma, o latim também expandiu seus domínios. Os gregos, um dos povos dominados, resistiu a sua maneira à dominação lingüística, como de modo singular disse o poeta Horácio: “*Graecia capta ferum victorem cepit, et artes intulit latio.*”<sup>10</sup>.

Com propriedade, Walter (1997, p. 98) apresenta o que chama “uma das particularidades mais impressionantes do latim clássico”, sua constituição e perpetuação através dos séculos. Sobre a escrita, o mesmo autor parafraseia Millet (1928):

A língua dos primeiros escritos no século III a.C. difere muito pouco daquela da idade clássica (século I a.C), e mesmo do fim do império (meados do século V d.C). Na verdade, tem-se a impressão de que o latim escrito foi imediatamente fixado de modo definitivo. (WALTER, 1997, p. 98).

Isso se deu por causa da necessidade de manter a estabilidade das instituições e dos que compunham o corpo administrativo sob uma legislação precisa e inequívoca quanto a sua linguagem, pois as populações que formavam o Império Romano eram muito diversas.

Nos primeiro séculos da Era Cristã, o latim passa por uma nova expansão, favorecida pela difusão do cristianismo. E, paralelamente à difusão da língua latina escrita, o

---

<sup>9</sup> Arondel, M., Bouillillon, J., Lê Goff, J. & Rude, J. 1966 apud Henriette Walter 1997 p. 87 - 88.

<sup>10</sup> “A Grécia submissa dominou seu feroz vencedor e introduziu as artes no rústico Lácio...” HORÁCIO, *Épîtres*, Epístola a Augusto, livro II epístola 1, verso 152. Tradução de J.B. MONFALCON apud Henriette Walter 1997 p. 93.

latim falado se desenvolvia também, a ponto de diversificar-se em várias línguas que guardaram apenas em parte o léxico do latim clássico.

Depois da queda do Império Romano, o latim continuou com seu prestígio de língua escrita por excelência. Mesmo nos países onde as línguas românicas se tornavam instrumento de comunicação oral, era em latim que se escrevia. Obras de vários autores dão prova disso, como apresentado por Walter (1997): parte das obras de Santo Agostinho (354-430); parte da obra de Roger Bacon (1214-1294), filósofo e sábio inglês, um dos precursores do método experimental; parte da obra de Dante Alighieri, escritor e poeta italiano (1265-1321), cuja obra *De vulgari eloquentia* foi a primeira a reconhecer as relações históricas entre as línguas românicas; parte da obra de Erasmo de Roterdã (1567-1536), humanista holandês; parte da obra de Ignácio de Loyola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus; e de tantos outros filósofos, botânicos, naturalistas, astrônomos e também de todos os papas, que redigiam as bulas e encíclicas na língua oficial da igreja católica, o latim.

### 1.2.2 História interna

As línguas românicas, entre elas o português e o espanhol, como já dissemos, têm sua origem no latim vulgar. Sendo o latim uma língua morta, podemos imaginar que não foi tarefa nada simples chegar à chamada pronúncia restaurada, reconstruída ou reconstituída, tarefa levada a cabo pelos foneticistas graças ao desenvolvimento da lingüística no fim do século XIX e início do século XX. Walter, (1997, p. 108) diz que, “Graças aos testemunhos concordes dos próprios latinos e à comparação das línguas românicas pode-se saber como se pronunciava o latim clássico”.

Dentre as maneiras de se chegar à forma como o latim era pronunciado na sua época clássica, podem-se destacar o testemunho das gramáticas do latim da antiguidade, a

transliteração de vocábulos latinos para o grego, a ortografia de palavras em inscrições antigas, a métrica de poemas, assim como estudos fonético-fonológicos da evolução das línguas derivadas do latim, fontes, todas essas, que dão pistas de como pode ter sido o estado inicial.

Estudar as transformações fonológicas pelas quais passaram as línguas românicas desde sua origem, independentemente do posicionamento teórico-metodológico que se adote, também não é tarefa muito simples devido à amplitude dos fenômenos que se sucederam no passar dos anos. Especificamente sobre o estudo de línguas românicas numa perspectiva estruturalista, Ilari afirma que:

A principal influência que o estruturalismo exerceu sobre o estudo evolutivo das línguas românicas prende-se a essa perspectiva sistemática: no Estruturalismo, as mudanças fônicas deixam de ser encaradas como fatos isolados, ou como fatos que ocorrem em determinadas condições sintagmáticas e passam a ser encaradas como soluções que a língua adota para corrigir desequilíbrios no seu próprio sistema fonológico; ao aceitar essa tese, o lingüista é levado a reconhecer que certas mudanças fônicas alteram o sistema fonológico da língua como um todo; essas mudanças são qualitativamente diferentes daquelas que resultam em mudanças de pronúncia, sem repercussões no sistema, como a desfonologização, a fonologização de um quarto grau de abertura, a fonologização do traço de palatalidade, e a transfonologização. (ILARI, 1992, p. 33)

As evidências das mudanças lingüísticas no latim podem ser observadas desde a sua época pré-literária. A mudança no sistema acentual se observa neste período. O acento, até então relacionado à primeira sílaba da palavra, se desloca para a penúltima sílaba se ela é longa ou para a antepenúltima, se a penúltima é breve. O fenômeno de duração que corresponde ao tempo que se utiliza para proferir as vogais e conseqüentemente as sílabas, é muito relevante, já que por meio dele pode-se estabelecer quando uma vogal é longa ou breve. A fonética histórica dá provas também de que o acento no latim sofreu mudanças desde a passagem para os romances, quando de acento melódico passa para um acento de quantidade.

Os manuais de latim e dicionários modernos marcam as sílabas longas com um sinal chamado *macron*, cujo símbolo é (  $\bar{\quad}$  ), e as sílabas breves com *braquia*, representado

por ( ǣ). É importante destacar que existem palavras que se distinguem apenas pela duração das vogais, ou seja, a duração no latim tem função distintiva. Outros aspectos das vogais latinas são dados por Furlam (1997 p.1).

No latim clássico, as vogais distinguem-se entre si não só pelo grau de sua altura prosódica, pelo ponto de sua pronúncia no aparelho fonador e pela configuração dos lábios, [...], mas também pelo tempo despedido em sua pronúncia, ou seja, por sua quantidade durativa que pode ser longa ou breve, conforme levem duas ou uma unidade de tempo para pronunciá-las. (FURLAM, 1997, p. 1).

Os fonemas do latim eram os seguintes. (TARALLO, 1990, p. 99; FURLAN, 1997, p. 2).

a) Vogais<sup>11</sup>

ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ
ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ
ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ
ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ
ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ

b) Consoantes

ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ
ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ
ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ
ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ
ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ	ǐ

Com base nessas informações, cremos ser relevante observar alguns aspectos do sistema vocálico, do acento e da sílaba do latim, mesmo que brevemente. Como sabemos, a característica vocálica de quantidade do latim herdada do indo-europeu foi se perdendo com a evolução da língua e o sistema de intensidade se fortalecendo. Essa mudança mostrou-se

<sup>11</sup> /aj/ - grafado ae, como em paene “quase”; /oj/ - grafado oe, como em foedus “feio”; /aw/ - grafado au, como em paucum “pouco” são ditongos.

significativa porque a partir dela criaram-se as distinções fonológicas entre vogais tônicas e átonas, abertas e fechadas.

Nas línguas indo-européias, o acento de intensidade era livre, ou seja, podia recair sobre qualquer ápice silábico. Posteriormente, houve uma mudança na colocação desse acento flutuante, generalizando um acento inicial fixado na primeira sílaba. A fixação da sílaba de intensidade deu-se lentamente. No latim e no grego, se fixou em uma das três últimas sílabas. Especificamente no latim, a referência principal é a quantidade da penúltima sílaba. Se esta for longa, o acento intensivo recai sobre ela. Se for breve, o acento recua para a antepenúltima. Na literatura latina, havia marcas do acento de intensidade, porém o acento quantitativo predominou já no latim vulgar. O acento de intensidade foi aos poucos se impondo e substituindo o acento de quantidade.

As línguas românicas desconhecem a quantidade vocálica. Isso prova que o latim a perdeu ou a substituiu pelo acento de intensidade, tornando as vogais tônicas mais longas e fechadas e as átonas, mais breves e abertas. Como resultado dessa mudança, o timbre assumiu papel relevante, ainda que não se saiba ao certo qual era o timbre das vogais latinas, já que os romancistas divergem muito sobre este aspecto fonológico do latim.

O acento, tanto em português como em espanhol, é um dos assuntos mais discutidos em análises lingüísticas. Diversos estudos têm sido feito para determinação de regras. Verificar a evolução do acento desde sua origem, no latim, pode ser um dos caminhos a se seguir para compreender o seu estágio atual.

Alguns estudos demonstram que, no latim pré-literário, quem determina o acento é a contagem das sílabas, o acento nunca cai na última sílaba. No latim arcaico, o acento ocorre somente na pré-antepenúltima sílaba quando a palavra tem quatro sílabas, sendo as três primeiras sílabas leves, independentemente do peso da última sílaba. No latim clássico, o acento é um troqueu moraico, é sensível ao peso silábico, determinando-se fonologicamente, a

saber: i) em palavras de três ou mais sílabas se a penúltima sílaba tiver uma vogal longa, ou ditongo ou vogal breve seguida de duas ou mais consoantes, esta é a sílaba que se acentua; ii) em palavras de três ou mais sílabas, se a penúltima for breve, a antepenúltima é acentuada. O pé, no latim clássico, é, portanto, não iterativo, sua construção é da direita para a esquerda. O acento nunca cai na última sílaba, ou seja, essa sílaba é extramétrica.

Já no latim vulgar, não havendo o contraste de duração vocálica, o acento muda para a penúltima sílaba quando: i) a palavra tem uma vogal que era breve no latim clássico, seguida de uma líquida; ii) quando a vogal  $\check{\text{I}}$   $\check{\text{I}}$  for acentuada e forme um hiato com uma vogal breve, o acento muda para a vogal seguinte.

O acento do latim vulgar e o do latim clássico muitas vezes coincidem, porém no nível segmental a penúltima sílaba breve do acento proparoxítono do clássico sofre síncope, dando como resultado o acento paroxítono no latim vulgar. Também, a ditongação/simplificação e a degeminação na sílaba átona transforma o acento proparoxítono do latim clássico no acento paroxítono no latim vulgar. Ou seja, o acento no latim vulgar tem como regra: i) independente do peso silábico, a última sílaba não atrai o acento; ii) a penúltima sílaba é a que recebe o acento.

Verificar as divergências na localização do acento nas línguas latinas, português e espanhol nas palavras heterotônicas não poderia acontecer se não primeiramente com base na observação das mudanças que o acento sofreu já na língua de origem, o latim, e, dos processos que ocorreram do latim para cada uma das línguas, contrastivamente.

A observação desses aspectos da língua latina nos servirá de subsídios para compreender os processos fonológicos ocorridos com este grupo de palavras. A seguir, apresentaremos brevemente os principais aspectos da estrutura silábica e do sistema acentual em português e em espanhol.

### 1.3 Dois aspectos da fonologia: a sílaba e o acento em português e em espanhol

#### 1.3.1 A sílaba

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal. Quanto a sua constituição, a sílaba pode ser simples, se for constituída por uma vogal, ou composta, se for constituída por mais de um fonema (vogal + consoante / consoante + vogal + semivogal / consoante + vogal / vogal + semivogal / consoante + vogal + consoante). A sílaba composta em português pode ser aberta ou livre, fechada ou travada. É importante enfatizar que na língua portuguesa há uma predominância de sílabas livres ou abertas.

Numa mesma perspectiva, Torrego (1998) define a sílaba em espanhol como “una unidad fonética mínima de la cadena hablada, sin significado”.<sup>12</sup> Estruturalmente, segundo o autor, a sílaba, “se compone de un elemento central o núcleo que, en español, siempre es vocal. Puede llevar, además, sonidos consonánticos delante y detrás. Estos sonidos consonánticos se llaman márgenes silábicos”<sup>13</sup>.

De modo sucinto, podemos dizer que a estrutura da sílaba nas línguas em geral pode ser basicamente, sílaba simples (V); sílaba fechada ou travada (VC); sílaba complexa (CV); e sílaba completa com acento e declive (CVC). Em português e em espanhol, observamos as quatro estruturas de sílaba, mas há predominância de sílabas CV, a sílaba universal, em ambas as línguas.

---

<sup>12</sup> “[...] uma unidade fonética não mínima da cadeia falada, sem significado”. (Tradução nossa)

<sup>13</sup> “é composta de um elemento central ou núcleo, que em espanhol é sempre uma vogal, que pode estar precedido ou antecedido por consoantes ou fonemas consonânticos chamados margens silábicas”. (Tradução nossa).

### 1.3.2 O acento

A atribuição do acento, tanto em português como em espanhol, suscita muita discussão e mesmo havendo muitas pesquisas já desenvolvidas e em desenvolvimento sabemos que muitos aspectos carecem de atenção pelo pouco esclarecidos que ainda são.

Segundo D’Introno (1995, p. 161), na língua espanhola, o acento pode ocupar várias posições na palavra e esse fato está relacionado ao valor fonológico distintivo do acento. D’Introno também apresenta a posição de Tomás (1965) sobre o acento. Esse autor distingue dois tipos de sílabas: as fortes, que têm o acento de intensidade; e as fracas que não o têm. Levando em consideração essa distinção, a sílaba forte recebe o acento primário ou principal, e as sílabas fracas podem receber o acento secundário ou terciário. D’Introno (1995, p. 157) também afirma que as pautas da acentuação do espanhol apresentadas por Tomás (1965) se baseiam na escrita e que ele não explica como o acento primário é atribuído a uma palavra. De acordo com a posição do acento, as palavras podem ser classificadas em três tipos<sup>14</sup>, conforme D’Introno (1995 p. 158): i) Uma palavra é dita aguda quando o acento recai na última sílaba. Em geral, palavras agudas são terminadas em consoantes. Palavras terminadas em vogal são, normalmente, de origem em outras línguas; ii) Uma palavra é dita grave quando seu acento recai na penúltima sílaba. As palavras graves são, em sua maioria, terminadas em vogal, mas existem algumas exceções. Ressaltamos que estas palavras constituem a maioria das palavras em espanhol; iii) Uma palavra é dita esdrúxula quando seu acento recai na antepenúltima sílaba. Palavras esdrúxulas são geralmente terminadas em vogal, porém existem alguns casos de palavras terminadas em vogal que não pertencem a esse grupo.

---

<sup>14</sup> Aqui apresentamos somente as regras para não verbos.

Mas, como explicar todos os casos de palavras da língua espanhola que não se encaixam nas regras anteriores? De acordo com D’Introno, por um lado, se a acentuação é um processo dependente de regras, deveremos atribuir o acento às palavras levando em consideração as características fonológicas e/ou morfológicas e inclusive as sintáticas. Se a acentuação não depender de regras, então deveremos desenvolver uma hipótese na qual o acento é parte da informação léxica de cada palavra. Segundo o autor, não podemos assumir a hipótese de que cada palavra já tem o seu acento marcado no léxico porque desse modo teríamos uma entrada para cada palavra, e obrigatoriamente nos veríamos diante de uma lista de morfemas lexicais e para cada um deles se deveria explicar com que sufixos podem combinar-se. Assim, a hipótese lexicalista não daria conta da acentuação, por exemplo, dos casos de palavras com o mesmo morfema lexical, que, no entanto, são acentuadas diferentemente. Enquanto em uma o acento recai no morfema lexical, ou raiz, na outra o acento é colocado no sufixo.

Por outro lado, se a atribuição do acento fosse feita por regras fonológicas e fosse sistemática, ou seja, se as regras dessem conta de todos os casos, estaria resolvida a problemática. Mas, como ressalta o D’Introno, mesmo quando tratamos de determinar a relevância de fatores bem específicos como a classe a que pertence a consoante ou o tipo de vogal final de uma palavra, veremos que o que se observa é a não possibilidade da aplicação de tal regra de um modo geral para um determinado grupo, dadas as muitas exceções que nos vemos obrigados a explicar de outro modo.

Para D’Introno, nem mesmo determinados aspectos morfológicos seriam fatores concretos para a formulação de regras de atribuição de acento. Por exemplo, a terminação em “s” de algumas palavras não é fator em todas elas de atribuição de acento. Diante do exposto, podemos deduzir que não se pode atribuir acento só com base em aspectos fonológicos, ou

somente lexicais, nem tão pouco morfológicos. Em outras palavras, será necessário dar explicações particulares baseadas nos fatores intrínsecos a cada palavra ou grupo de palavras.

Segundo Netto (2007, p. 21), a atribuição do acento em português é um dos temas mais discutidos em fonologia. O autor propõe ver Netto (2001), e a descrição de Cagliari (1999) para verificar a descrição de três hipóteses para a atribuição do acento em português:

1) De acordo com a hipótese do acento livre proposta por Câmara Jr. (1970) e Barbosa, (1994), o acento é definido no léxico, sem a possibilidade do estabelecimento de regras. Esses autores propõem também que em português o acento se estabelece como decorrência da maior força articulatória da sílaba acentuada sobre as demais. Logo, não haveria variações de grau de acentuação.

2) Segundo a hipótese do molde trocaico, o acento do português estaria vinculado à estrutura da sílaba e definido pela ramificação da rima. Ou seja, sílabas pesadas entre as três últimas sílabas seriam as sílabas sobre as quais recairia o acento. Havendo ausência de sílabas pesadas, o acento recairia na penúltima sílaba. Esta hipótese não dava conta dos casos das palavras proparoxítonas e das oxítonas com rima não ramificada. Segundo Ferreira Netto (2007), para o primeiro caso Bisol (1992c) e Andrade (1994) postularam a extrametricidade da penúltima sílaba, já marcada no léxico. Para o segundo, Bisol (1992c) propõe que há uma consoante fonológica não realizada foneticamente.

3) Para os que defendem a hipótese do acento morfológico, o acento estaria vinculado à estrutura morfológica da palavra e daria conta da explicação da acentuação das palavras paroxítonas e oxítonas, cuja acentuação respeitaria a restrição relativa às três últimas sílabas e recairia na última vogal do radical, excluindo-se a vogal temática. Entretanto, a explicação das proparoxítonas não-derivadas ficaria ainda sem resposta.

Segundo Netto, nenhuma das hipóteses apresentadas dá conta da acentuação de todas as palavras da língua portuguesa. Porém, pelo menos uma restrição está postulada em todas, que é a restrição da posição do acento às três últimas sílabas.

Verificamos que não há propostas de atribuição do acento para o português e espanhol que sejam plenamente satisfatórias. Isso nos leva a reafirmar que ainda há muito caminho a percorrer na busca por melhores esclarecimentos nesta área. Quanto à atribuição do acento das palavras heterotônicas, cremos na probabilidade de podermos estabelecer neste trabalho pelo menos o ponto de partida para a compreensão de suas divergências, apoiando-nos nas regras de acentuação às quais temos acesso em cada uma das línguas e na sua forma de origem.

## CAPÍTULO 2: O ACENTO E A SÍLABA NAS TEORIAS FONOLÓGICAS

### 2.1 Introdução

Optamos por realizar neste trabalho não apenas uma comparação entre as duas línguas, mas também encontrar à luz de teorias lingüísticas esclarecimentos mais amplos sobre os heterotônicos. Apresentamos a seguir mais detalhadamente as teorias lingüísticas que fundamentam nosso estudo, com destaque para a Fonologia Métrica e a Fonologia Prosódica, que procuram dar conta do acento e dos constituintes prosódicos, entre eles a sílaba, das línguas do mundo.

### 2.2 Do modelo gerativo clássico à fonologia não-linear

Sendo a análise fonológica dos heterotônicos apresentada neste trabalho fundamentada em modelos fonológicos de base gerativa, expomos a seguir, sucintamente, algumas críticas que a Fonologia Gerativa faz à Fonologia Estrutural Clássica e apresentamos alguns pressupostos das teorias fonológicas desde a fonologia estrutural clássica até os modelos não-lineares.

Primeiramente, podemos dizer que os gerativistas se opuseram à determinação local e invariável da fonêmica estruturalista norte-americana, cuja condição era de não-desdobramento, o que tornava a relação entre a representação fonética e a fonêmica recuperável a partir dos sons circunvizinhos para a distribuição da alofonia, e não apelava para informações de natureza morfológica ou sintática.

A condição de linearidade para a Fonologia Estrutural Clássica era uma seqüência dos fonemas na representação fonêmica. Esta deveria ser a mesma dos fones na representação fonética e privilegiava uma descrição por elemento e arranjo, deixando de lado qualquer tipo de regra que não fosse a expressão não-formalizada da distribuição complementar. O Estruturalismo tinha dificuldade em expressar generalizações porque afirmava que o fonema era a unidade mínima de análise e deixava de explicar o fato que as regras fonológicas se aplicam não só a sons individuais, mas também a classes de sons.

Em Chomsky (1965), são descritos os princípios universais que regulam os sistemas lingüísticos visando a que sejam entendidos os mecanismos da Gramática Universal. Já a proposta do sistema de traços distintivos que distinguem as funções fonéticas e fonológicas apareceu em *The Sound Pattern of English*, doravante SPE. (CHOMSKY e HALLE, 1968).

A unidade mínima para a Fonologia Gerativa é o traço e a representação dos segmentos é constituída de uma matriz de traços. As propriedades dos traços são definidas com base em duas características exigidas para a configuração do trato vocal na ocasião da produção dos sons da fala: posição neutra e vozeamento espontâneo. No SPE (1968), Chomsky e Halle tentaram conjugar propriedades articatórias e acústicas quando elaboraram um conjunto de traços que atendesem aos dois aspectos dos sistemas de sons da fala humana: a) o aspecto fonético, de modo a representar as capacidades de produção de fala do aparato vocal humano; e b) o aspecto fonológico, buscando identificar os traços distintivos, ou seja, o conjunto de traços usados pelas línguas de modo a estabelecer distinção entre seus itens lexicais.

A expressão representação subjacente é própria do Gerativismo e nega a existência de um nível operacional do tipo que fica explícito na designação “transcrição fonêmica”, usada pelas teorias fonológicas anteriores, porque esta implica na observância das

condições de bi-univocidade, linearidade, determinação local e invariância. Para os teóricos gerativistas, o traço é a unidade mínima que tem realidade psicológica e valor operacional e não o feixe de traços, como era concebido pelo Círculo de Praga.

No modelo linear, as unidades estão dispostas linearmente sem qualquer organização hierárquica. Já os modelos não-lineares, ou autossegmentais, postulam uma organização independente de partes dos sons da fala. Em outras palavras, não há uma relação de um-para-um entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza. Os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem, mas o seu espraiamento para outra unidade fonológica, como foi proposto por Goldsmith (1976, apud GOLDSMITH, 1990), a partir de observações de línguas tonais.

A Fonologia Auto-segmental, ao reconhecer uma hierarquia entre os traços, passou a analisar os segmentos em camadas, e pôde, assim, dividir partes do som, tomando-as independentemente, e a defender uma estrutura interna para o segmento. Isso significa dizer que existe uma hierarquização entre os traços que compõem determinado segmento da língua. Ela caracteriza-se por tratar os traços fonológicos como unidades cujo domínio pode ser maior ou menor que um segmento e cuja representação, refletindo a organização hierárquica, deve ser feita em diferentes camadas, dispostas em diferentes planos.

Para expressar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo, pode-se, então, recorrer à estrutura arbórea, seguindo o princípio de que as regras fonológicas constituem uma única operação, seja desligamento de uma linha de associação ou de espraiamento de um traço. Assim, a estrutura apresenta, sob o mesmo nó de classe, traços que funcionam solidariamente em processos fonológicos.

Como modelos que mantêm os pressupostos de base, mas que buscam meios de formalizar e expressar regras, operações e comportamentos de diferentes unidades, temos a

Fonologia Métrica e a Prosódica, que procuram dar conta dos aspectos supra-segmentais e prosódicos, respectivamente, incluindo, entre os aspectos prosódicos, a sílaba.

A Fonologia Métrica, que estuda as relações de proeminência nas seqüências ou o(s) acento(s) das línguas, segundo Bisol (1996, p. 78), “é um modelo teórico que, usando a concepção hierárquica das estruturas lingüísticas, permitiu uma nova representação da sílaba e uma análise adequada do acento”. A Fonologia Prosódica dedica-se à entonação e aos constituintes prosódicos como a sílaba, o pé métrico, a palavra prosódica, o sintagma fonológico, a entonação e o enunciado. Nas secções a seguir, discutiremos as noções de sílaba e acento nessas teorias.

### 2.3 A teoria da sílaba

Entendemos a língua como a forma mais completa e complexa da comunicação humana, e sabemos que ela (a língua) é uma combinação de palavras ou signos lingüísticos compostos por dois elementos que não se podem separar: os sons e a idéia que expressam. A correta relação que se cria a partir da combinação dos signos lingüísticos formando enunciados é chamada de primeira articulação da língua, e a combinação dos sons que formam os signos é chamada de segunda articulação, ou seja, o fonema, e é precisamente ao conjunto de fonemas emitidos num único impulso expiratório que se denomina sílaba. Este é o conceito encontrado mais comumente nas gramáticas descritivas e nos dicionários de lingüística.

Entre tantas definições de sílaba que encontramos, podemos destacar algumas. Para Bisol (1999, p. 231), a sílaba “é a categoria basilar da hierarquia prosódica e seu domínio é a palavra fonológica, ainda que intermediada pelo pé métrico [...]”. E segundo Scliar Cabral (1974, p.57 apud RIBEIRO, 2003, p.13), “A sílaba é a primeira estrutura que aparece na

incorporação da língua [...]”. É importante ressaltar que muitos linguistas afirmam que a sílaba ainda não foi definida de modo satisfatório. Entretanto, isso não lhe subtrai importância, já que está confirmado o seu papel em muitas classes de processos fonológicos.

Chomsky & Halle (1968) não consideraram a sílaba em sua teoria. As palavras eram vistas apenas como uma seqüência de consoantes e vogais. Os traços são divididos em traços de classes principais, traços de cavidade, traços de corpo da língua, traços de forma dos lábios, traços de modo de articulação, traços de fonte e traços prosódicos. Entre os traços de classes principais, encontramos o traço silábico [sil]. Os segmentos que funcionam como núcleo da sílaba são os sons silábicos, enquanto os não-silábicos ocorrem como margens na sílaba. O traço [sil], desse modo, serve para diferenciar as vogais das consoantes, ou seja, as vogais têm traço [+silábico], e as consoantes [-silábico].

Nos modelos fonológicos não-lineares, o traço [silábico] não é mais necessário, já que a sílaba passa a ser considerada um constituinte de formação estrutural própria, ou seja, apresenta uma estrutura interna particular. A sílaba adquire um papel central nos estudos fonológicos, pois é a unidade básica que nos informa sobre a organização do sistema fonológico de uma língua. (MORI, 2003, p. 173).

### 2.3.1 Duas teorias da estrutura da sílaba

Collischonn (1996, p. 95) afirma que, até 1970, se discutia se a sílaba tinha ou não *status* fonológico. Entretanto, com os trabalhos de Hooper e de Kahn (1976), pouco a pouco foi sendo aceita como uma unidade fonológica, fato que despertou interesse de pesquisadores sobre a natureza e o papel que ela desempenha na fonologia das línguas.

Collischonn também afirma que existem basicamente duas teorias sobre a estrutura interna da sílaba:

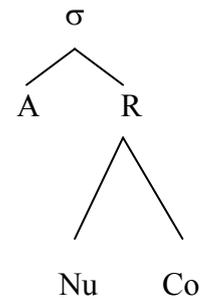
1) A Teoria Auto-segmental, Kahn (1976), que considera a sílaba como um nó ao qual estão ligados os segmentos, como na representação em (1);

2) A Teoria Métrica, que defende que as sílabas são estruturadas com Ataque<sup>15</sup> (A), Rima (R), sendo a Rima constituída por um Núcleo (Nu) e uma Coda (Co), conforme Selkirk (1982), que se baseia nas propostas anteriores de Pike & Pike (1947) e Fudge (1969), como representado em (2). Os autores afirmam que destas categorias só o Núcleo não pode ser vazia.

(1)



(2)



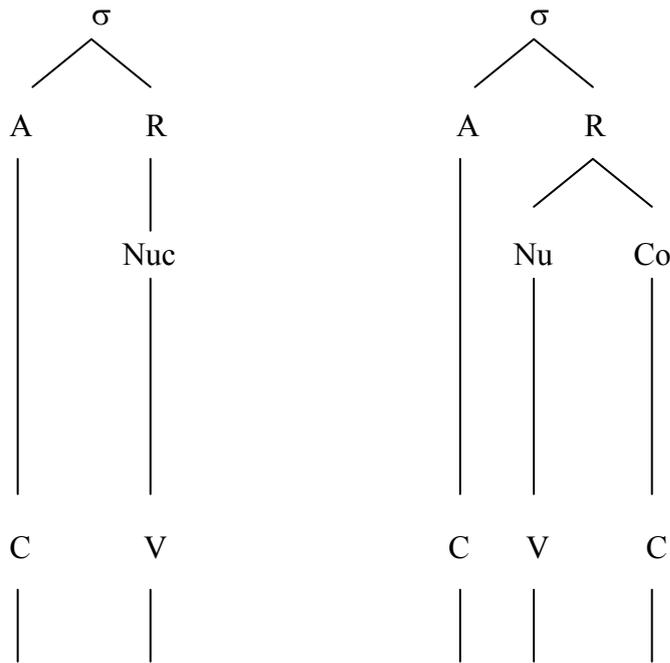
Como defensores da teoria auto-segmental, podem-se destacar os que defendem que a sílaba não tem estrutura interna, tais como Clements e Keyser (1983) e Nespor e Vogel (1986). Já a Teoria Métrica, que considera que a sílaba tem uma estrutura interna, é representada por Selkirk (1984) e Levin (1985). Estas últimas teorias são demonstrações do desenvolvimento da fonologia gerativa de Chomsky e Halle (1968).

Apresentamos anteriormente a representação da sílaba de acordo com o modelo Auto-segmental e métrico, ambas em árvores. Segundo a teoria, a associação dos fonemas com os subconstituintes (ataque, núcleo e coda) não se dá de forma direta, mas por meio de

<sup>15</sup> O termo inglês “onset” também é usado para se referir ao ataque.

uma camada intermediária denominada esqueleto CV. (MORI, 2003, p. 175). Damos em (3), abaixo, um exemplo, *cojín*, do espanhol, que significa *almofada*.

(3)

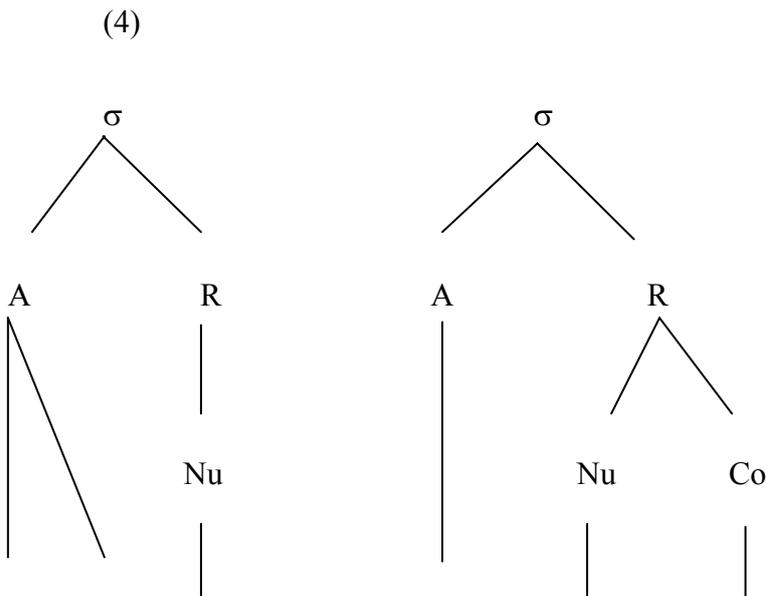


### 2.3.2 Tipos de sílaba

As sílabas podem ser simples ou complexas, abertas (livres), e fechadas (travadas), de acordo com a sua estrutura. A constituição da sílaba simples se dá apenas pelo núcleo, que é representado por um fonema vocálico. A sílaba composta é constituída por um

núcleo precedido e/ou seguido por consoante(s). A sílaba aberta é a que termina sempre em vogal, e a fechada é a que termina em consoante(s). (MORI, 2003, p. 175).

Um modo similar ao de como eram observadas as vogais no latim sucede com relação às unidades de duração das sílabas. Essa distinção pode ser observada em muitas línguas, já que os segmentos que as compõem determinam o peso silábico. Para Collischonn, (1999, p. 98), “podemos definir a distinção entre sílabas pesadas e leves como a distinção entre sílabas com rima ramificada e sílabas com rima não ramificada”. Observemos na representação (4) exemplos com as palavras democracia e aeroporto da língua portuguesa, com destaque para as sílabas sublinhadas.



A definição acima não explica o caso de sílabas pesadas cujos segmentos são vogais longas, como a palavra latina  $\check{y}$  *amigo*. Segundo Collischonn (1996, p. 99), McCarthy (1979) dá uma primeira solução para o problema:

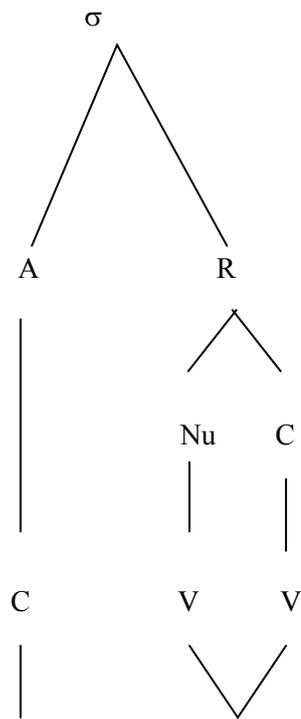
[...] os nós terminais da árvore silábica são elementos ‘C’ ou ‘V’, abreviações para os feixes de traços [+cons, -voc] e [-cons, +voc] (ou qualquer outro feixe de traços com função semelhante, que representam as classes maiores ‘consoante’ e ‘vogal’. (COLLISCHONN, 1996, p. 99)

Para Collischonn (1996, p. 99), a representação em árvore de

Y dada em (5) explicita que nessa abordagem “uma vogal longa pode ser representada como seqüência de dois elementos ‘V’ idênticos, assim sendo a rima se ramifica como nas sílabas pesadas”.

Vejamos a representação:

(5)



( )

( )

A posição de Hyman (1985) é que as sílabas são constituintes ou unidades de peso conhecidas como moras ( $\mu$ ), de acordo com Trubetzkoy (1939). Essa proposta toma a duração como propriedade independente e prediz o alongamento compensatório observado em várias

línguas, pelo qual um segmento pode ser apagado por uma regra fonológica, mas a sua duração pode continuar intacta e associar-se a um segmento adjacente. Nesse caso, uma sílaba pesada corresponde a duas moras e uma leve a uma mora.

Quanto ao molde silábico, o número de segmentos permitidos em seus constituintes difere de uma língua para outra. Algumas só permitem um segmento no ataque e outro na rima. Outras permitem um segmento no ataque e dois na rima, enquanto outras, ainda, permitem dois segmentos no ataque, um no núcleo e até três na coda. O molde silábico é uma representação geral sobre a estrutura possível de uma língua e para chegar ao padrão silábico de preferência são analisadas as palavras monossilábicas, porém, além do molde, é necessário o uso de restrições chamadas de filtros representados pelo símbolo (\*), que significa proibido, para dar conta da explicação daquelas sílabas que não fazem parte do inventário padrão. Para Clements e Keyser (1983), elas são condições negativas de estrutura da sílaba.

Para dar conta da seqüência segmental da silabação, existem duas abordagens a serem consideradas. A de Harris (1983), chamada de abordagem de regras de formação de núcleo, de ataque e de coda, todas elas ordenadas entre si; e a de Hooper (1976) e Itô (1986), chamada de abordagem de condições, considerando que a silabação obedece a condições que podem ser universais ou paramétricas, e cada língua faz suas próprias escolhas, como explicitado no parágrafo anterior. Dentro das condições universais (de boa formação de sílaba), estão: 1) Seqüência de Sonoridade, fundamentada na Generalização de Seqüência de Sonoridade<sup>16</sup> de Selkirk (1984); e 2) Licenciamento Prosódico.

A Seqüência de Sonoridade prediz que a combinação dos fonemas nas sílabas não se dá de forma aleatória. Os fonemas seguem um padrão específico de combinação conhecida como HIERARQUIA DE SONORIDADE, que está relacionada ao vozeamento. Para Hooper

---

<sup>16</sup> Termo usado em inglês: Sonority Sequencing Generalization.

(1976), quanto mais espontâneo for o vozeamento, maior sonoridade ele terá. (HOOPER, 1976, apud MORI, 2003, p. 176). Reconhecer uma Escala de Sonoridade ajuda a observar que, quando a escala de sonoridade de um fonema for baixa, teremos os segmentos (A) Ataque e (Co) Coda, ao passo que os segmentos de maior sonoridade, as vogais, são candidatas a (Nu) Núcleo.

Expomos a seguir uma representação da Escala de Sonoridade (Hierarquia Sonora), baseada em propostas de outros autores (HOGG & McCULLY, 1987, p. 33 apud MORI, 2003, p. 176).

SONS	VALORES	EXEMPLOS
Vogais baixas	10	ĩ ĩ
Vogais médias	9	ĩ ĩ
Vogais altas	8	ĩ ĩ
Flepes	7	ĩ ĩ
Laterais	6	ĩ ĩ
Nasais	5	ĩ ĩ
Fricativas sonoras	4	ĩ ĩ
Fricativas surdas	3	ĩ ĩ
Plosivas sonoras	2	ĩ ĩ
Plosivas surdas	1	ĩ ĩ

Segundo o princípio do Licenciamento prosódico, formulado por Itô em 1986, todas as unidades prosódicas de um determinado nível precisam pertencer a hierarquias prosódicas superiores. A epêntese e o apagamento são os mecanismos usados pelas línguas para que não haja violação do licenciamento prosódico. Ainda dentro desse princípio, estão inseridos dois outros conceitos: 1) ambissilabidade, que descreve consoantes que podem ser consideradas como pertencentes tanto à sílaba precedente quanto à seguinte; 2)

extrasilabidade, que descreve um segmento que não está associado a nenhuma sílaba no processo de silabação, mas não pode ser apagado porque, para as operações de epêntese e apagamento, ele é invisível.

Dissemos anteriormente que a fonologia prosódica ocupa-se do estudo dos aspectos supra-segmentais das línguas, cujas unidades de estudo têm na sílaba a sua base, e a sílaba representa o primeiro nível de organização fonológica de uma língua particular<sup>17</sup>. Porém, cremos que, sendo o português e o espanhol línguas que compartilham a mesma origem, há processos fonológicos que aproximam as duas. Isso possibilita o estabelecimento de semelhanças também na formação silábica e, conseqüentemente, na localização do acento, como observamos na maioria das palavras nas duas línguas, com exceção das palavras heterotônicas, que analisamos neste trabalho.

#### 2.4 A teoria métrica

Segundo Hayes (1995) e Liberman e Prince (1977), o acento é uma manifestação lingüística da estrutura do ritmo. Hayes (1995, p. 24-5) afirma que o acento tem duas propriedades fundamentais: i) a culminância (culminativity), ou seja, cada palavra ou sintagma tem uma única sílaba mais forte, a que recebe o acento principal; e ii) a distribuição rítmica, as sílabas que portam níveis iguais de acento ocorrem em geral em espaços de igual distância.

Na teoria fonológica métrica proposta por Liberman e Prince, a proeminência relativa de cada constituinte é apresentada dentro da árvore métrica. Na árvore, cada nó é marcado com s, que significa ‘strong’ (forte), ou w ‘weak’ (fraco). Nessa abordagem, a

---

<sup>17</sup> “É necessário focalizar ‘língua particular’ pois as línguas variam de acordo com suas estruturas silábicas”. (MORI apud MUSSALIM & BENTES, 2003 p. 174). (Grifo do autor).

estrutura interna da palavra é organizada silabicamente. Na palavra, cada sílaba tem um constituinte métrico. Assim sendo, uma palavra monossilábica só terá um constituinte métrico, uma palavra dissilábica, dois constituintes métricos e assim por diante.

A fonologia métrica tem por objetivo primeiramente evidenciar todos os possíveis níveis de proeminência dentro da árvore métrica. Hogg & McCully em 1987 sugerem uma reinterpretação da teoria métrica, segundo a qual, ao invés de identificar vogais como núcleo assinalado com o traço [+acento], como é feito numa descrição estrutural, é preferível identificar como núcleo a sílaba que contém a vogal com o traço [+acento]. Assim, é introduzida a noção de pé métrico ( $\Sigma$ ). Os pés são as menores unidades da sílaba, e existem três tipos básicos de pés binários, dentre os quais as línguas optam por um.

Os três tipos de pés são: i) *troqueu silábico caracterizado por não ser sensível ao peso silábico e ter a cabeça à esquerda*; ii) *troqueu moraico: sensível ao peso silábico e ter sua cabeça também à esquerda* e iii) *iambo: sensível ao peso silábico e ter sua cabeça à direita*. (HAYES, 1995, p. 40, 71).

A palavra fonológica nas línguas do mundo nem sempre coincide com a palavra gramatical. Dixon & Aikhenvald (2002, p.13) definem palavra fonológica como a unidade fonológica maior que a sílaba, que tem pelo menos uma das propriedades definidas nas seguintes áreas fonológicas: traços segmentais, traços prosódicos e regras fonológicas.

Na nossa análise, observaremos a palavra fonológica, pois estaremos lidando com itens lexicais isoladamente. A constituição da sílaba será, a princípio, julgada como um aspecto fundamental na compreensão das diferenças acentuais.

## CAPÍTULO 3: ANÁLISE CONTRASTIVA DE ASPECTOS FONOLÓGICOS DE HETEROTÔNICOS ENTRE PORTUGUÊS E ESPANHOL

### 3.1 Introdução

Neste capítulo, apresentamos a descrição e a análise dos heterotônicos em português e em espanhol, propondo, para iniciar a compreensão das divergências acentuais, um olhar na forma de origem de cada uma delas. Logo, empreendemos uma análise fonológica em que a posição do acento e a estrutura segmental das palavras, tanto em termos da organização em sílabas, quanto em termos da natureza dos segmentos envolvidos, em alguns casos, são consideradas.

Na apresentação damos: i) origem da palavra heterotônica (no caso de termos a pronúncia original, na maior parte quando se trata do latim, damos também a transcrição fonética na língua de origem); ii) transcrição e significado da palavra em português e espanhol; e iii) explicação dos tipos de fenômenos observados. Esclarecemos que as transcrições estão baseadas na observação de produção por parte de aprendizes de português e espanhol/LE. Ou seja, não nos baseamos numa única variedade lingüística ou dialeto específicos. Já as transcrições do latim são as encontradas em dicionários. Em alguns poucos casos, para os quais não foi possível encontrar a transcrição, seguimos a nossa intuição, observando a forma escrita e comparando-a com outras formas para as quais encontramos a transcrição. Não estamos assumindo uma transcrição estreita dos sons. Também não propomos que a transcrição seja o mais acuradamente fonêmica. De modo geral, a transcrição procura reproduzir da maneira mais aproximada possível uma pronúncia considerada padrão.

Por isso, na maior parte do tempo, exceto quando julgamos estritamente necessário, as transcrições são apresentadas entre colchetes.

O foco da nossa investigação é o acento, ou seja, o que determina a diferença entre português e espanhol. Consideramos que aspectos da estrutura silábica poderiam ser úteis para a compreensão do fenômeno dos heterotônicos. Assim, na nossa análise, observamos que diferenças acentuais estão relacionadas a diferenças no modo como as línguas organizam os segmentos em sílabas. Por isso, agrupamos as palavras que estamos analisando em termos da sua constituição segmental e organização silábica. Dois grupos principais se delinearam.

No primeiro grupo de palavras, o português organiza os segmentos  $C_0VV$  em final de palavra em duas sílabas, enquanto espanhol os organiza em apenas uma sílaba. No espanhol, uma regra específica, provavelmente interagindo com o acento, transforma a primeira  $V$  em semivogal. Assim, em português temos a estrutura  $C_0$  e em espanhol a estrutura  $C_0$ . O segundo grupo é formado por palavras que terminam com uma sílaba fechada,  $C_0VC$ . Para esse grupo, parece não haver regra específica. Ora uma língua acentua a sílaba final, ora acentua a penúltima sílaba.

### 3.2 Grupo 1: Palavras cuja sílaba final é $C_0$ em português e $C_0$ em espanhol

O exemplo a seguir ilustra um grupo de palavras heterotônicas entre português e espanhol. Nesse grupo houve diástole no processo de evolução do latim para o português. No espanhol, o acento não sofre alteração.

Latim	Português	Espanhol
ě ě ě ě	ě ě	Oě ě ě ě Oě
<i>academia</i>		

Em latim, a sílaba acentuada era a antepenúltima, seguindo as regras de acentuação da língua, que eram como descritas a seguir, de acordo com Katamba (1989)<sup>18</sup>.

- i. ignore the final syllable: it is extrametrical;
- ii. construct an unbounded right-headed tree;
- iii. put primary stress on the first heavy syllable at the right-hand side of the word if it is in penultimate position (excluding the final syllable which is extrametrical);
- iv. if the penultimate syllable is light, put primary stress on the antepenultimate syllable. (KATAMBA, 1989, p. 232-3).<sup>19</sup>

A extrassilabidade, um parâmetro da língua latina, utilizado na atribuição do acento, perdeu-se na evolução tanto para o português quanto para o espanhol. Enquanto o latim acentuava a penúltima sílaba, desconsiderando a sílaba final, que era extramétrica, português e espanhol têm como regra geral acentuar a penúltima sílaba. É o que ocorre com as palavras usadas nos nossos exemplos. O que muda na evolução das duas línguas diz respeito, basicamente, à estrutura da sílaba, mas têm que ser considerados aqui também outros fatores, como a evolução das vogais do latim para essas duas línguas latinas.

Observe-se que a vogal da penúltima sílaba em latim é breve. No sistema fonológico latino, havia uma distinção entre vogais breves e vogais longas. Essa distinção foi perdida na evolução em direção a ambas as línguas. A questão é que a perda da distinção dá resultados diferentes, dependendo da língua e dos ambientes em que ocorria. Em português, a vogal é mantida e como está na penúltima sílaba é acentuada de acordo com a regra de acentuação do português, o que cria um hiato. Em espanhol, a vogal, desde que é uma vogal alta anterior, assilabifica-se, realiza-se como semivogal e constitui uma única sílaba com a

<sup>18</sup> Embora já tenhamos apresentado uma descrição do acento em Latim (secção 1.2.2 p. 26), utilizamos aqui a descrição de Katamba (1989) por dizer o mesmo e ser mais sucinta, ou estar formulada nos termos da teoria fonológica moderna. Outra coisa a ser observada, é que, nesta descrição do acento, é desconsiderado o acento secundário.

<sup>19</sup> (i) ignore a sílaba final: ela é extramétrica;  
 (ii) construa um pé livre com o núcleo à direita.  
 (iii) coloque o acento primário sobre a primeira sílaba pesada no lado esquerdo da palavra se ela estiver na penúltima posição (excluindo a sílaba final, que é extramétrica)  
 (iv) se a penúltima sílaba for leve, coloque o acento primário sobre a antepenúltima sílaba. (Tradução nossa).

vogal que a segue. O acento, dado que a regra de acentuação é igual nas duas línguas, ou seja, as duas línguas acentuam a penúltima sílaba, vai aterrissar sobre esta sílaba, dando resultados diferentes: ẽ ẽ õẽ ẽ em português e ẽ ẽ õẽ em espanhol.

Desse modo, todo um grupo de palavras com a mesma estrutura silábica em latim, evoluiu de modo diferente nas duas línguas devido a processos distintos no sistema vocálico, o que, por sua vez, acarretou mudanças na estrutura silábica e na posição do acento. Essa correspondência é altamente produtiva, pois a encontramos em um grande número de vocábulos. Ilustramos esse grupo de heterotônicos com os exemplos 1. e 2., a seguir. Uma lista mais alentada é fornecida em anexo.

1.

ACROBACIA. Do francês *acrobatie*, do grego *akróbatos*.

Português

Espanhol

ẽ ẽ ẽ ẽ ẽ ẽ ẽ ẽ

2.

ALERGIA. Do francês *allergie* e este do grego.

Português

Espanhol

ẽ ẽ ẽ ẽ ẽ

É interessante observar que existem algumas palavras com sílaba final  $C_0$  ou  $C_0$  em português quanto em espanhol que recebem acentos idênticos. Observem-se os dois grupos de exemplos a seguir.

A)

Português

Espanhol

*economia*

*economía*

*biografia*

*biografía*

<i>ortografia</i>	<i>ortografía,</i>
<i>autonomia</i>	<i>autonomia</i>

Essas palavras são paroxítonas nas duas línguas. Observe-se, porém, que, enquanto o sistema ortográfico do português não prevê qualquer acento gráfico, o sistema ortográfico do espanhol manda acentuar a penúltima sílaba.

B)

Português	Espanhol
<i>família</i>	<i>familia</i>
<i>eficácia</i>	<i>eficacia</i>
<i>benevolência</i>	<i>benevolencia</i>
<i>inteligência</i>	<i>inteligencia,</i>
<i>paciência</i>	<i>paciencia</i>

O que ocorre com as palavras do grupo B) é exatamente o contrário. São as palavras em português que devem receber acento gráfico para marcar a sílaba acentuada.

Palavras como essas não representam dificuldade para aprendizes das duas línguas com relação à expressão oral. Quando se trata de expressão escrita, porém, é observada a falta da consciência da necessidade de colocação do acento diacrítico tanto num caso como no outro.

### 3.3 Grupo 2: Palavras terminadas em sílaba pesada (C<sub>0</sub>VC)

No grupo a seguir, algumas palavras são oxítonas em português e paroxítonas em espanhol, ou o contrário. Observe-se que são palavras que têm sílaba final fechada. A regra aqui parece ser acentuar a sílaba final se ela for pesada. O espanhol, como o português, é uma língua predominantemente paroxítona. As duas línguas parecem ser, conforme Wetzels (1995) afirma para o português, sensíveis ao peso silábico, pelo menos no que diz respeito a nomes. Desse modo, quando uma sílaba final é pesada, as duas línguas tendem a acentuá-la, o que cria palavras oxítonas. Uma olhada no léxico geral das duas línguas e, sobretudo, em palavras recém-criadas, poderia confirmar essa idéia. No caso dos heterotônicos, como os que vemos a seguir, o que parece estar ocorrendo é que uma das línguas desobedece à regra e isso parece se dever a fatores externos, tais como entrada na língua via área técnica, erudita ou por empréstimo.

Desde que as línguas não obedecem sistematicamente à regra de colocação de acento que observa o peso silábico, embora as palavras tenham a mesma constituição silábica, a diferença na colocação do acento cria a heterotonicidade. Considerando a colocação do acento nas duas línguas, subagrupamos essas palavras do seguinte modo.

### 3.3.1 Grupo 2A: Oxítona em português, paroxítona em espanhol

Neste grupo, a regra parece estar funcionando para português. Todas as palavras devem ter entrado em ambas as línguas por empréstimo. Em português, elas foram nativizadas. Em espanhol, elas foram naturalizadas. Em Português, todas as palavras acentuam a última sílaba, desde que ela seja a sílaba pesada. Isso significa que uma regra de acentuação do Português se aplica a palavras que não são nativas, nativizando-as, portanto. Em espanhol, a palavra se fixa na língua sem aderir às regras nativas. Ela não se nativiza, embora se naturalize, ou seja, torna-se uma palavra do espanhol, mas mantém as

características da sua origem, conforme exemplificado em 3., a seguir. Outras palavras do grupo com as mesmas características podem ser encontradas no anexo.

3.

CANIBAL. Do caraíba caribal, “antilhano”, pelo cast. caníbal, «canibal.

Português

Espanhol

ě ě

. .

Há palavras como lilás/lilac, (exemplo 4.) que, rigorosamente, não são heterotônicos, mas que, de todo modo, foram nativizadas em espanhol, por ter perdido a rima da sílaba final, o que permite que a palavra se encaixe na regra geral da língua que manda acentuar paroxítonas se a última sílaba for aberta. A palavra karatê (exemplo 5.) é uma palavra que entrou nas duas línguas por empréstimo do Japonês. Em português, embora a última sílaba seja aberta, é oxítona, tendo sido, portanto, naturalizada pela língua. Em espanhol, ela foi nativizada.

4.

LILÁS. Do francês lilac, este do árabe līlak, este do persa lila[n]ǧ o lilang, e este do sânscrito nīla, azul escuro.

Português

Espanhol

ě

ě

5.

KARATÊ. Do japonês. karate, “mãos nuas”.

Português

Espanhol

ě ě

ě ě

A palavra alguém (exemplo 6) é um caso especial, pois não podemos dizer que uma palavra como um pronome indefinido, que é membro de uma classe fechada, tenha entrado na língua por empréstimo ou via área especializada.

6.

ALGUÉM. Do latim alĭquem,	ě	ě	. acusativo de alĭquis.
Português		Espanhol	
	ě		ě

### 3.3.2 Grupo 2B: Oxítone em Espanhol, paroxítone em português

Com relação às palavras que agrupamos sob esse título, ocorre uma inversão dos fatos observados em relação ao grupo subgrupo precedente. Em alguns casos, como sarampo (exemplo 7) e tulipa (exemplo 8), a perda da rima da sílaba final permite ao português nativizar as palavras também em relação à posição do acento, já que elas passam a ser analisadas como tendo uma sílaba final aberta, o que coloca o acento na penúltima sílaba.

7.

SARAMPO. Do latim sirimpĭo, -ōnis.	ě	ě	ě
Português		Espanhol	
	ě		ě

8.

TULIPA. De origem desconhecida.

Português

Espanhol

ě ě

Nos demais casos (ilustrados pelo exemplo 9), espanhol acentua a sílaba final pesada, nativizando em relação à colocação do acento, enquanto português adota a palavra original, possivelmente importada via uma área técnica.

9.

ELETRON. Do grego *élektron*.

Português

Espanhol

ě ě

ě ě

A tendência das línguas a seguirem uma regra de acentuação da última sílaba pesada torna-se evidente quando encontramos, nas duas línguas, palavras como *réptil* (exemplo 10), para a qual podemos ter duas pronúncias, uma paroxítona, aprendida, e uma oxítona, mais natural. A tendência se reflete também na ortografia que, em português, estabelece regras especiais de acentuação gráfica.

10.

REPTIL. Do latim *reptīlis*.

ě ě

Português

Espanhol

ou

ou

### 3.4 Grupo 3: Oxítona em português, proparoxítona em espanhol

Alguns heterotônicos não se encaixam em nenhuma regra. O exemplo 11, abaixo, é um caso específico. Enquanto em português a palavra é oxítona, em espanhol ela é proparoxítona.

11.

HERÓI. Do latim *he ro is*, “homem célebre”. Do grego *héros*, “chefe”.

ě

Português

Espanhol

ě

ě ě

Nesse caso, não há explicação interna possível. Português segue uma regra geral que manda acentuar sílabas finais pesadas, enquanto espanhol mantém o acento em uma posição que parece ter sido herdada de outra forma do latim.

### 3.5 Grupo 4: Palavras esdrúxulas

Como vimos até aqui, diferenças na colocação do acento em dois principais grupos de heterotônicos podem ser atribuídas à estrutura da sílaba, em ambos os casos. Em todos os casos, encontram-se irregularidades que não permitem nem sistematização nem explicações plenas satisfatórias. Discutiremos a seguir as características de outro grupo de heterotônicos. De acordo com a sua constituição silábica e segmental, essas palavras deveriam ser paroxítonas nas duas línguas. Entretanto, acentua-se a penúltima sílaba em português e a antepenúltima em espanhol, e vice-versa. Desse modo, as distribuímos em dois subgrupos.

### 3.5.1 Grupo 4A: Proparoxítona em português, paroxítona em espanhol

No subgrupo de palavras heterotônicas que examinamos a seguir, vemos palavras que são proparoxítonas em português e paroxítonas em espanhol. Observe-se *alvéolo* (exemplo 12). Nesse caso, temos, em espanhol, duas possibilidades aceitas pela língua padrão, enquanto em português temos apenas uma.

12.	ALVÉOLO. Do latim <i>alveölus</i> .	ě	ě	ě	
	Português		Espanhol		
		ě	ě	ě	
		ě	ě	ě	ě

Palavras com acentuação proparoxítónica têm, há longo tempo, sido chamadas pelos gramáticos, nas duas línguas, de esdrúxulas. Palavras proparoxítonas são mesmo estranhas em português. A tendência do vernáculo é reduzir a estrutura silábica de modo a tornar essas palavras paroxítonas. No caso de *alvéolo*, parece que espanhol já vem resolvendo o problema, desde que *alvéolo*, que se encaixa na regra geral de acentuação da língua, é aceita. Em português, o padrão rejeita a segunda forma proposta neste trabalho. Ou melhor, os instrumentos de padronização, ou seja, dicionários, gramáticas, livros didáticos, silenciam sobre esta forma, mas na prática ela existe.

Nossa proposta, é que, na realidade, não existem diferenças gritantes com relação à posição do acento. Novamente, entra em cena a questão da estrutura silábica. Em português, a vogal seguinte à sílaba acentuada, que constituiria um hiato, é ressilabificada e realiza-se como semivogal, ocupando, assim, a posição de coda da sílaba acentuada. Isso ocorre mais

claramente quando a vogal que constituiria a sílaba seguinte à acentuada é uma vogal alta, como podemos ver em *mediocre* (exemplo 13)..

13.

MEDÍOCRE. Do latim <i>Mediòcre</i> .		ě	ě	ě
Português			Espanhol	
	ě	ě	ě	ě
	ě	ě		

Do mesmo modo, em espanhol a solução adotada também é transformar-se uma vogal alta em semivogal, modificando-se a constituição da sílaba. A semivogal ocupa a segunda posição de um onset complexo. Por isso, nas duas línguas, as palavras podem ser consideradas paroxítonas.

Palavras como *olimpíada* e *cardíaco* (exemplos 14 e 15) não representam problema para espanhol. A sílaba acentuada já é a penúltima, dado que é do tipo CvV, e a palavra é paroxítona. Na pronúncia alternativa, as vogais são mantidas inalteradas, mas o acento recai sobre a penúltima sílaba. Em português, o segmento tratado como vogal alta ocupa a posição de núcleo silábico e a vogal seguinte é uma vogal baixa.

14.

OLIMPIADA. Do latim <i>Olympias</i> , -ădis,		ě	ě	ě	ě	e
este do grego Ὀλυμπιάς.						
Português				Espanhol		
	ě	ě	ě	ě	ě	ě
				ě	ě	ě

15.

CARDÍACO. Do grego kardiakós, pelo latim cardiācus.					
	ě	ě			
Português				Espanhol	
		ě	ě	ě	ě
				ě	ě

Observe-se que, em espanhol, a solução da ditongação é resolvida transformando-se a vogal alta em semivogal, como em *olimpiada* ě ě ě , ou com a pronúncia alternativa ě ě ě ě , na qual o hiato é mantido, mas o acento avança para a penúltima sílaba, de modo a que uma regra de acentuação seja observada.

Em português, a solução parece ser manter a acentuação esdrúxula, que não observa a nenhuma regra de acentuação da língua, visto que a vogal da sílaba seguinte não pode ser ressilabificada como coda da sílaba acentuada. Há casos, porém, como *oceano* (exemplo 16), em que a segunda solução do espanhol, o avanço do acento para a penúltima sílaba, é observada.

16.

OCEANO. Do latim O cea nus-, e este do grego okeanos.					
	ě	ě	ě		
Português				Espanhol	
		ě	ě	Oě	
				ě	ě

Alguns casos não se encaixam em uma ou outra das soluções. É possível, então, afirmar-se que são casos de naturalização, como *crisântemo* (exemplo 17) e *cérebro* (exemplo 18). Observe-se que a composição segmental dessas palavras é diferente da composição segmental das demais palavras que representam esse grupo, não se prestando a reorganização da estrutura silábica.

17.

CRISÂNTEMO. Do latim *chrysanthēmum*, ě ě ě e  
 este do grego *khrysánthemon*.

Português

Espanhol

ě

ě

ě

ě

ě

18.

CÉREBRO. Do latim *cerèbru-*, «*id*, ě ě .

Português

Espanhol

ě

ě

ě

ě

### 3.5.2 Grupo 4B: Paroxítone em português, proparoxítone em espanhol

O que se destaca nesse grupo é o fato que quase todas as palavras pertencem a uma área técnica e, claramente, são compostas de radicais gregos ou derivadas com algum elemento do grego. Desse modo, é evidente que são palavras adotadas pelas línguas que as tomaram emprestadas e que, de modo geral, levam um bom tempo para se nativizarem. Em português, parece ter havido já um bom número dessas nativizações. Por isso, em português, todas as palavras desse grupo são paroxítonas, de acordo com a regra de acentuação da língua, enquanto em espanhol mantém-se a acentuação da língua de origem (exemplos 19 e 20).

19.

HIDROGÊNIO. De *hydro-*+*-ge nus*, ou do francês *Hidrogene*.

ě

ě

ě

Português

Espanhol

ě ě Oě ě ě ě

20.

ARISTOCRATA. Do grego *áristos*, “melhor” + *krátos*.

Português

Espanhol

ě ě ě ě ě ě ě ě

Outro fator a ser observado, além do empréstimo direto via área técnica ou erudita, é a analogia. Em alguns casos, os falantes tendem a colocar um acento esdrúxulo em algumas palavras devido a algum tipo de semelhança fonética ou semântica ou de especialização, com outras palavras já conhecidas na língua. Uma evidência da operação do fator analogia é, por exemplo, a oscilação na pronúncia do espanhol entre paroxítona e proparoxítona, como ilustram as palavras *medula*, e *poliglota* (exemplos 21 e 22).

21.

MEDULA. Do latim *Me dulla*, ě ě ě

Português

Espanhol

ě ě ě ě ě ě ě

22.

POLIGLOTA. Do grego. *Polñglottos*.

Português

Espanhol

ě ě ě ě ě ě  
ě ě ě

Também em Português há casos de oscilação, como *rubrica* (exemplo 23).

23.

RUBRICA. Do latim *Rubrīca*, ě ~

Português

ẽ  
ẽ  
ẽ  
ẽ

Espanhol

ẽ  
ẽ

## CONCLUSÃO

Quando olhamos os diferentes grupos de heterotônicos, vemos que um grupo grande, a maior parte dos heterotônicos entre as duas línguas, formou-se a partir da evolução desde o latim através de mudanças diferentes na estrutura da sílaba e, talvez, devido à perda de um mecanismo do sistema acentual do latim, a extrametricalidade.

Por outro lado, outro grupo de heterotônicos pode ser visto como oposto entre as duas línguas, uma vez que, dada a mesma constituição fonológica das sílabas, ora uma língua acentua de um modo, ora de outro, o que causa um desencontro. Olhando esses grupos mais de perto, observamos que ocorrem dois fenômenos diferentes, e que esses são externos à língua, quer dizer, não são fatores da estrutura lingüística que os causam.

A análise desses dois grupos de heterotônicos permitiu-nos chegar à conclusão que duas regras gerais podem ser formuladas para essas duas línguas, o que, por sua vez, permitirá ao aprendiz de língua materna português estudando espanhol, ou o inverso, colocar o acento corretamente na maior parte das palavras da língua. Formulamos a seguir essas regras, de acordo com o modelo fornecido para o Latim.

Regra 1: Acentue a segunda sílaba a contar do lado direito da palavra.

Regra 2: Acentue a primeira sílaba do lado direito da palavra, se esta sílaba for pesada.

Como resolver o problema dos heterotônicos?

Primeiro, no caso do grande grupo (Grupo 1), em que entram palavras como *acrobacia*, por exemplo, as quais português acentua na penúltima sílaba e espanhol na última. Na verdade, as duas línguas acentuam na penúltima sílaba, desde que a pronúncia em Português é \_\_\_\_\_ e em Espanhol \_\_\_\_\_. Logo, a regra 1 aí se aplica.

No segundo grupo, vimos que há uma aplicação da regra 2, mas que esta é perturbada por fatores externos. Nesses casos, é preciso que o aprendiz siga a regra, que manda acentuar palavras desse tipo na última sílaba, mas terá que aprender as exceções.

Há problemas com relação ao grupo de palavras que, apesar da sua estrutura fonológica segmental, não obedece a nenhuma das regras, antes as contrariam. É importante observar, porém, que, nesses casos, nas regras ortográficas das duas línguas está implícito que esses padrões acentuais não são próprios da língua. Por exemplo, português manda acentuar graficamente palavras com a estrutura fonológica  $C_0$ , como *paciência* -  $\tilde{e}$   $\tilde{e}$   $\tilde{e}O'$   $\tilde{e}$ . Já o espanhol faz o mesmo com as palavras que apresentam estrutura fonológica  $C_0$  como *economía* -  $\tilde{e}$   $\tilde{e}$   $\tilde{e}$   $\tilde{e}$   $\tilde{e}$   $\tilde{e}$ . Palavras como essas não são heterotônicas em português e espanhol. Elas são homófonas.

A lista de heterotônicos é, logicamente, bem maior do que a aqui apresentada e analisada. Entretanto, em um trabalho desse tipo, não precisamos listar todas as palavras do léxico, pois seria uma tarefa impensável, talvez pouco proveitosa e fugiria do objetivo que estabelecemos para o mesmo. Assim, cremos que nossa lista é representativa do fenômeno discutido e as regras que esboçamos parecem dar conta das questões levantadas.

Cremos na utilidade desse estudo como fonte de reflexão para a elaboração de novos materiais didáticos para o ensino do espanhol e do português como língua estrangeira, tanto no que diz respeito especificamente ao ensino-aprendizagem dos aspectos fonológicos implicados nas palavras heterotônicas, assim como de inspiração para outros estudos de aspectos semelhantes das duas línguas, por entendermos que a previsibilidade das dificuldades que são prováveis de suceder no processo de aprendizagem de línguas estrangeiras contribui para a elaboração de estratégias didáticas que não apenas “facilitem” a aprendizagem, mas que também tornem esse processo mais consciente.

Especialmente tratando-se de aprendizagem de línguas aparentadas como o português e o espanhol, e, observando o resultado das análises feitas neste trabalho, é praticamente impossível não reconhecer que os problemas básicos da aprendizagem não surgem de nenhuma dificuldade essencial dos aspectos da língua meta em si, mas, principalmente do ‘set’ especial criado pelos hábitos da primeira língua como afirma FRIES no prefácio à Lado (1957). Portanto, cremos que a relação que deve se estabelecer entre as teorias lingüísticas e a lingüística aplicada em prol de práticas e metodologias de ensino e materiais de apoio didático é grandemente favorável a esse ensino-aprendizagem consciente, o que pode conduzir a resultados mais satisfatórios no que diz respeito ao perfil dos falantes de espanhol e português como LE ou, em termos gerais, de quaisquer outras línguas do mundo.

A seguir, apresentamos um quadro-resumo das conclusões aqui esboçadas.

Grupos	Caracterização	Acentuação	Exemplos	Explicação	Regra	
Grupo 1	Palavras terminadas em	Paroxítona nas duas línguas.	“academia”	Na evolução do latim para as línguas românicas modernas, a extrametricalidade é perdida; o acento recai sobre a penúltima sílaba; a constituição segmental das sílabas é diferente.	Acentue a segunda sílaba a contar do lado direito da palavra. (Se não aplicada, cria o grupo de palavras homófonas.)	
	C <sub>0</sub> ia – Port.		[a.ka.d ɔ̃ .m i.a]			
	C <sub>0</sub> ja – Esp.		[a.ka. d ẽɔ̃ mja]			
Grupo 2	Palavras terminadas em C <sub>0</sub> VC	Oxítona em uma língua, paroxítona na outra.	“imbecil” “impar”	Todas as palavras devem ter entrado em ambas as línguas por empréstimo. Em português, elas foram nativizadas. Em espanhol, elas foram naturalizadas.	Acentue a primeira sílaba do lado direito da palavra, se esta sílaba for pesada. (A regra, porém, não se aplica consistentemente, pois é perturbada por fatores externos	
		2A	oxítona – Port.	ẽ ẽ		Em Português, todas as palavras acentuam a última sílaba, desde que ela seja a sílaba pesada. Isso significa que uma regra de acentuação do Português se aplica a palavras que não são nativas, nativizando-as.
			paroxítona – Esp.	ẽ ẽ		Em espanhol, a palavra se fixa na língua sem aderir às regras nativas. Ela não se nativiza, embora se naturalize, ou seja, torna-se uma palavra do espanhol, mas mantém as características da sua origem.
		2B	paroxítona – Port.	ẽ		A perda da rima da sílaba final permite ao português nativizar as palavras também em relação à posição do acento, já que elas passam a ser analisadas como tendo uma sílaba final aberta, o que coloca o acento na penúltima sílaba.
			oxítona – Esp.			

Grupo 3	-	Oxítona – Port. Proparoxítona – Esp.	“herói” $\begin{matrix} \text{e} \\ \text{e} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{e} \\ \text{e} \end{matrix}$	Nesse caso, não há explicação interna possível. Enquanto em português a palavra é oxítona, em espanhol ela é proparoxítona.		
Grupo 4	Palavras esdrúxulas	Paroxítona em uma língua, proparoxítona na outra	“alvéolo” “hidrogênio”	De acordo com a sua constituição silábica e segmental, essas palavras deveriam ser paroxítonas nas duas línguas. Entretanto, nesses casos, acentuasse a penúltima sílaba em português e a antepenúltima em espanhol, e vice-versa.	-	
		4A	Proparoxítona – Port.	$\begin{matrix} \text{e} \\ \text{e} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{e} \\ \text{e} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{e} \\ \text{e} \end{matrix}$	Palavras com acentuação proparoxítona têm, há longo tempo, sido chamadas pelos gramáticos, nas duas línguas, de esdrúxulas. Palavras proparoxítonas são mesmo estranhas em português. A tendência do vernáculo é reduzir a estrutura silábica de modo a tornar essas palavras paroxítonas. No caso de <i>alvéolo</i> , parece que espanhol já vem resolvendo o problema, desde que $\begin{matrix} \text{e} \\ \text{e} \end{matrix}$ , que se encaixa na regra geral de acentuação da língua, é aceita. Em português, o padrão rejeita a segunda forma proposta neste trabalho. Ou melhor, os instrumentos de padronização, ou seja, dicionários, gramáticas, livros didáticos, silenciam sobre esta forma, mas na prática ela existe.	-
			Paroxítona – Esp.	$\begin{matrix} \text{e} \\ \text{e} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{e} \\ \text{e} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{e} \\ \text{e} \end{matrix}$		
		4B	Paroxítona – Port.	$\begin{matrix} \text{e} \\ \text{e} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{e} \\ \text{e} \end{matrix}$ O $\begin{matrix} \text{e} \\ \text{e} \end{matrix}$	Todas as palavras pertencem a uma área técnica e, claramente, são compostas de radicais gregos ou derivadas com algum elemento do grego. Desse modo, é evidente que são palavras adotadas pelas línguas que as tomaram emprestadas e que, de modo geral, levam um bom tempo para se nativizarem. Em português, parece ter havido já um bom número dessas nativizações.	-
Proparoxítona – Esp.	$\begin{matrix} \text{e} \\ \text{e} \end{matrix}$ $\begin{matrix} \text{e} \\ \text{e} \end{matrix}$					

Grupos	Caracterização	Acentuação	Exemplos	Explicação	Regra	
Grupo 5 <sup>1</sup>	Palavras homófonas	Mesma acentuação e mesma constituição segmental nas duas línguas.	“economia” “família”	Estas palavras, com sílaba final C <sub>0</sub> ou C <sub>0</sub> tanto em português quanto em espanhol recebem acentos idênticos. As do grupo 5A são oxítonas nas duas línguas, enquanto as do grupo 5B são paroxítonas. Observe-se, porém que, para o grupo 5A o sistema ortográfico do português não prevê qualquer acento gráfico, já o sistema ortográfico do espanhol manda acentuar a penúltima sílaba. Para o grupo 5B a regra é invertida, o sistema ortográfico do português manda acentuar a penúltima sílaba, já o sistema do espanhol não manda acentuar graficamente nenhuma sílaba.	-	
		5A	Oxítone – Port.			[ ẽk ẽõn ẽ o' mi.a]
			Oxítone – Esp.			[ ẽk ẽõn ẽ o' mi.a]
		5B	Paroxítone – Port.			ẽ ẽ
	Paroxítone – Esp.	ẽ ẽ				

<sup>1</sup> Este grupo não aparece numerado à parte na análise, mas inserido em outros grupos.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. & WETZELS, W. L. (Orgs.) *Fonologia do Português. Cadernos de Estudos Lingüísticos*, no. 23 (Jul./Dez. 1992). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP/IEL, 1992.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.). *Português para Estrangeiros - interface com o espanhol*. Campinas: Pontes Editores, 1995.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 3.ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.
- ARAÚJO, Gabriel Antunes de.(Org.) ABAURRE, Bernadette . *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes, 1995.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BISOL, L. Constituintes Prosódicos. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- BISOL, L. (Org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- BISOL, L. (Org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português*. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BITTENCOURT, A. M. *The Role of the First Language in Pronunciation*. *Letras*, no. 1 (Jan. 1991). Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Curso de Pós-Graduação em Letras. Santa Maria: UFSM/CAL, 1991.
- BOOP, Franz. *Analytical Comparison of the Sanskrit, Greek, Latin, and Teutonic Languages* (1816). E.F.Koerner (ed), 1989.
- CAGLIARI, L. C. *Análise Fonológica*. Campinas: Edição do Autor, 1997.
- CALLOU, Dinah e LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. M. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro : Padrão, 1977.

- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História da lingüística*. 4 ed. Petrópolis : Vozes, 1986.
- CARVALHO, N. *Empréstimos Lingüísticos*. São Paulo, Ática, 1989.
- CATFORD, J.C. *A practical introduction to phonetics*. Oxford: Carendon Press, 1988.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.
- CLEMENTS, George N. and Samuel Keyser. 1983. *CV Phonology. a generative theory of the syllable*. Cambridge: MIT Press. COMRIE, Bernard. 1981. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related*.
- COLLISCHONN, Gisela. *A sílaba em português*. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- COLLISCHONN, Gisela. *A sílaba em português*. In.: BISOL, Leda (Org.). 2 ed. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs. 1999.
- COLLISCHONN, Gisela. & HORA, Dermeval da. (Orgs.). *Teoria Lingüística: Fonologia e Outros Temas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2000.
- CUNHA, Antonio Geraldo da & SOBRINHO, Cláudio Mello. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DIXON R. M. W. & AIKHENVALD A. *Word. A cross-linguistic typology*. Cambridge: Cambridge University Press. 2002
- DICCIONARIO de la lengua española*: Real Academia española. Tomo I y II. 21.ed. Madrid: Espasa Calpe, 1996.
- D'INTRONO, Francesco. (Org.). *Fonética e Fonología Actual del Español*. Madrid: Cátedra, 1995.
- ELSON, Benjamin & PICKETT, Welma. *Introdução à morfologia e à sintaxe*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- ESPINET, Montserrat Dejuán. *Colección Complementos Serie Didáctica: La comunicación en la clase de español como lengua extranjera. Orientaciones didácticas y actividades*. Madrid: La Factoría, 1997.
- FERNÁNDEZ, Sonsoles. *Interlengua y análisis de errores en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Edelsa, 1997.

- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FERREIRA, Itacira. *A interlíngua do falante de espanhol e o papel do professor: aceitação tácita ou ajuda para superá-la*. In: ALMEIDA FILHO, José Carlos. *Português para estrangeiros interface com o espanhol*. Campinas: Pontes, 1995.
- FUDGE, E. *Syllables*. *Journal of Linguistics*, 5, p. 254-287, 1969
- FURLAN, Osvaldo Antônio. (colaboração de BUSSARELLO, Raulino). *Gramática básica do latim*. 3 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.
- FURLAN, Osvaldo Antônio. *Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- FROMKIN, V. & RODMAN, R. *Introdução à Linguagem*. 3 ed. Trad. Isabel Casanova. Coimbra: Almedina, 1993.
- GOLDSMITH, John A. (1990) *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Blackwell.
- GRAN Diccionario Español-Portugués / Portugués-Español. Madrid: Espasa. 2001
- GUSSENHOVER, C. & JAKOBS, H. *Understanding Phonology*. London: Arnold, 1998.
- HAYES, B. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago, The University of Chicago Press: 1995.
- HERNANDORENA, C. L. M. (Org.). *Aquisição de Língua Materna e Língua Estrangeira: Aspectos Fonéticos e Fonológicos*. Pelotas: EDUCAT, 2001.
- HOOPER, Joan. *An Introduction to Natural Generative Phonology*. New York: Academic Press, 1976.
- HYMAN, Larry. *Phonology: theory and analysis*. New York : Holt, Rinehart and Winston, 1975.
- ISTRE, Giles Lothar. *Fonologia transformacional e natural: uma introdução crítica*. Santa Catarina : UFSC.
- ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- JAKOBSON, R. *Fonema e Fonologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972.
- KAHN, D. *Syllable – based generalizations in English Phonology*. Tese de doutorado. Cambridge, Mass: MIT, 1976.
- KATAMBA, Francis. *An introduction to phonology*. Londres: Longman, 1989.

- KEYS, K. J. Interlanguage: *Phonology Theoretical Questions and Empirical. Linguagem e Ensino*, vol. 5, no. 1 (2002). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- KRASHEN, S. *Principles and practice in second language acquisition*. Oxford: Pergaman, 1982.
- LADO, Robert. *Introdução à Lingüística Aplicada*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- LAUSBERG, Heinrich. *Lingüística Românica*. Tradução de Marion Ehrhardt e Maria Luísa Schermann. 2ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian, 1981.
- LASS, Roger. *Phonology: an introduction to basic concepts*. Cambridge : Cambridge Univ. Press, 1984.
- LEVIN, J. *A metrical theory of syllabicity*. Tese de doutorado. University of Texas, Austin, 1985.
- LIBERMAN, M. & PRINCE, A. 1977. *On Stress and Linguistic Rhythm*. Linguistic Inquiry 8: Cambridge, Massachussetts, MIT Press, p. 249-336.
- LLORACH, Emilio Alarcos. *Gramática de la Lengua Española*. 2. ed. Madrid: Espasa, 2000.
- MARRONE, Celia Siqueira. *Português-espanhol: Aspectos Comparativos*. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1990.
- MATHEWS, P. H. *Morphology*. Cambridge : Cambridge University. Press, 1974.
- MOLINER, María. *Diccionario de uso del español*. ed. abreviada. Madrid: Gredos, 2000.
- MORI, Angel C. *Fonologia*. In: Mussalim, F. & Bentes, A. C. (Orgs.) *Introdução à Lingüística 1*. São Paulo: Cortez, 2003.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.
- PEREIRA, Isidro & BRAGA, J. S. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, s/d.
- PIKE, K.; PIKE, E. *Immediate constiuents of Mazateco syllables*. International Journal of Aplied Linguistics, 13, p. 78-91, 1947.
- RIBEIRO, João Carlos Wormsbecher. *Estudo Comparativo da Estrutura Silábica em Espanhol e português*, 2003. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PLLG0305.pdf>. Acesso em 16 de fevereiro de 2007.
- SELKIRK, E. *The syllable*. In: Hulst; Smith (1982), v. p. 337-383, 1982.
- SELKIRK, E. *On the major class features and syllable theory*. In: Aronoff, M.; Oehrle, R. (1984) *Language sound structure*. Cambridge: MIT Press, p. 107-136, 1984.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.

SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. *Línguas estrangeiras: Uma visão histórica das abordagens, métodos e técnicas de ensino*. Maceió: Catavento, 1999.

SOUZA, Francisco Antonio de. *Novo Dicionário Latino-Português*. NOVO. Porto: Lello & Irmão, 1984.

TARALO, Fernando. *Tempos Lingüísticos: Itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

TARONE, E. E. *The phonology of interlanguage*. In: Ioup G. e Weinberger, S. H. *Interlanguage Phonology – The Acquisition of a Second Language Sound System*. Cambridge: Newbury House Publishers, 1987.

TORREGO, Gómez Leonardo. *Gramática didáctica del español*. Madrid: SM, 1998.

VANDRESEN, P. *Lingüística contrastiva e ensino de línguas estrangeiras*. In: BOHN, & VANDRESEN, P. (org.). *Tópicos em lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: UFSC, 1988.

WALTER, Henriette. *A aventura das línguas no ocidente*. Tradução Sérgio Cunha dos Santos. São Paulo: Mandarim, 1997.

WARDHAUGH, R. *La hipótesis del análisis contrastivo*. In: LICERAS, J. M. *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madrid: Visor, 1992.

WETZELS, Leo. Mid-Vowel alternations in the Brazilian Portuguese verb. *Phonology* 12:281-304, 1995.

## ANEXOS

Grupo 1: Palavras cuja sílaba final é C<sub>0</sub> em português e C<sub>0</sub> em espanhol

1.

ANEMIA. Do grego *anaimía*.

Português

ě ě ě

Espanhol

ě ě

2.

ANESTESIA. Do grego *anaesthesia*.

Português

ě ě ě ě

Espanhol

ě ě ě

3.

ARISTOCRACIA. Do grego *aristokratía*.

Português

ě ě ě ě ě

Espanhol

ě ě ě ě

4.

ASFIXIA. Do grego *asphyxía*.

Português

ě ě ě ě

Espanhol

ě ě

5.

ATROFIA. Do latim *atrophía*, ě ě ě ú e este do grego *ἀτροφία*.

Português

ě ě ě

Espanhol

ě ě

6.

BIGAMIA. Do latim *biga* mu.      ě ě ě

Português

Espanhol

ě ě' ě

ě ě

7.

BUROCRACIA. Do francês *bureaucratie*, e este de *bureau*, escritório, e *-cratie*, -  
cracia.

Português

Espanhol

ě ě ě ě

ě ě ě

8.

CLAUSTROFOBIA. Do latim *claustrum*, e *fobia*.      ě ě ě ě

Português

Espanhol

ě ě ě ě

ě ě ě

9.

DEMOCRACIA. Pelo latim *democratia*.      ě ě ě ě Do grego  
*demokratía*.

Português

Espanhol

Oě ě ě ě

ě ě ě

10.

DIFTERIA. Do grego *diphthéra* “membrana” + *ia*.

Português

Espanhol

ě ě ě

ě ě

11.

Do latim *elo gium*. ě ě ě

Português

Espanhol

. . . .

. . . .

12.

EMBOLIA. Do latim *embōlus*, ě ě e este do grego embole.

Português

Espanhol

ě ě ě

ě ě

13.

EPIDEMIA. Do grego *epidemía* - *ἐπιδημία*.

Português

Espanhol

ě ě ě ě

ě ě ě

14.

EPILEPSIA. Do latim *e pi lepsia*. ě ě ě ě

Português

Espanhol

ě ě ě ě

ě ě ě

15.

ESQUIZOFRENIA. Do grego *skhízein*, «fender» + *phrén*, «mente; espírito» + *-ia*.

Português

Espanhol

. . . . .

. . . . .

16.

EUFORIA. Do grego *euphoría*.

Português

Espanhol

. . . . .

. . . . .

17.

FISIOCRASIA. *fisio*: Do grego *phĩsis* - *φυσιο*, + *krátos* “força” .

Português

Espanhol

ě ě ě ě

ě ě ě

18.

FOBIA. Do grego *phóbos* “medo”-φοβία. + *ia*.

Português

ě ě

Espanhol

ě

19.

HEMOFILIA. De *hemo-* e *-filia*; *hemo* de *hemato* do grego *haĩma* “sangue” + *philia*.

Português

ě ě ě

Espanhol

ě ě ě

20.

HEMORRAGIA. Do latim *haemorrhagĩa*, ě ě ě *ú* e este do grego *haimorrhagía*.

Português

ě ě ě ě

Espanhol

ě ě ě

21.

HIPOCONDRIA. Do latim *hypochondriũ*, ě ě ě ě ě Do grego *hypokhóndrion*.

Português

ě ě ě ě

Espanhol

ě ě ě ě

22.

HISTERIA. Do francês *hystérie*, e este do grego *hystéra* “útero” + *ia*.

Português

Espanhol

ě ě ě

ě ě

23.

LEUCEMIA. De leuc- leuco: do grego *leukós* “branco” + *háima* “sangue” + *ia*.

Português

Espanhol

ě ě ě

ě ě

24.

LITURGIA. Do baixo latim *liturgiā*, ě ě ě ě E este do grego *leitourgía*.

Português

Espanhol

ě ě ě

ě ě

25.

MAGIA. Do latim *magiā*, ě ě , e este do grego *maegía*.

Português

Espanhol

ě ě

ě

26.

MONOGAMIA. Do latim *monogamīa*, ě ě ě ě ě E este do grego *monogamía*.

Português

Espanhol

ě ě ě ě

ě ě ě

27.

NEURALGIA. Do grego neŮron “nervo” + algos “dor” +-ia.

Português

ě ě ě

Espanhol

ě ě

28.

NOSTALGIA. Pelo francês nostalgie. Do grego nŮstro - νόστος, + algos “dor”.

Português

ě ě ě

Espanhol

ě ě

29.

ORTOPEDIA. De orto: do grego orthŮs - reto + paidéia “educação”.

Português

ě ě ě

Espanhol

ě ě ě

30.

PARALISIA. Pelo latim paralise. ě ě ě Do gr. Parálysis-, «fraqueza».

Português

ě ě ě ě

Espanhol

ě ě ě

31.

PERIFERIA. Do latim *peripheria*, ě ě ě ě ú e este do grego periphéria.

Português

ě ě ě ě

Espanhol

ě ě ě

32.

POLIGAMIA. Do latim *polygamía*, ἑ ἑ ἑ ἑ ὕ e este do grego *polygamía*.

Português

ἑ ἑ ἑ ἑ

Espanhol

ἑ ἑ ἑ

33.

QUIMIOTERAPIA. Do grego *Khymíon*, dim. de *khymós* “suco” + *therapeía*.

Português

ἑ ἑ ἑ ἑ ἑ

Espanhol

ἑ ἑ ἑ ἑ

34.

QUIROMANCIA. Do grego *kheïromanteía*.

Português

ἑ ἑ ἑ ἑ

Espanhol

ἑ ἑ ἑ ἑ ἑ ἑ ἑ ἑ

35.

RADIOSCOPIA. Do latim *Radīu* “raio” + *skopeîn* “olhar” + *ia*.

Português

ἑ ἑ ἑ ἑ

Espanhol

ἑ ἑ ἑ

36.

SIDERURGIA. Do grego *siderourgía* - *σιδηουργία*.

Português

ἑ ἑ ἑ ἑ

Espanhol

ἑ ἑ ἑ

37.

SONOTERAPIA. Sono do latim *somnu-*, - do grego *θεραπεία*.

Português

ἑ ἑ ἑ ἑ ἑ

Espanhol

ἑ ἑ ἑ ἑ

38.

TAQUICARDIA. Do grego *takhñs* “rápido” + *kardía*.

Português		Espanhol
ě ě ě ě		ě ě ě

39.

TERAPIA. Do grego therapeía “tratamento” -θεραπεία.

Português		Espanhol
ě ě ě		ě ě

40.

TRAQUÉIA. Do latim trachīa, ě ě e este do grego τραχεία  
άρτηρία.

Português		Espanhol
ě		ě ě

41.

ZOOFILIA. Zoo- do grego Do gr. zōon e filia, do grego φιλία.

Português		Espanhol
ě ě ě ě		ě ě ě

42.

ELOGIO. Do latim e lo gium. ě ě ě

Português		Espanhol
.		.

Grupo 2: Palavras terminadas em sílaba pesada (C<sub>0</sub>VC)

Grupo 2A. Oxítonas em português, paroxítonas em espanhol.





3.

PROTOTIPO. Pelo latim protot]pu, ě ě ě . Do grego protótypos, «id.».

Português

ě ě ě

Espanhol

ě ě ě

Grupo 4B: Paroxítona em português, proparoxítona em espanhol

1.

LIMITE. Do latim limes, -ítis. ě ě

Português

ě ě

Espanhol

ě ě

2.

NITROGÊNIO. Do latim nitrum + genus. ě ě ě

Português

ě ě ě

Espanhol

ě ě ě

3.

OXIGÊNIO. Do gr. Oxñs-,+génos, +-io / geno do latim genus.

Português

ě ě ě

Espanhol

ě ě ě

4.

PARASITO. Do latim pa ra sītus, ἔ ἔ ἔ . grego Παράσιτος -  
παράσιτος.

Português

ἔ ἔ ἔ

Espanhol

ἔ ἔ ἔ

5.

PELICANO. Do grego Pelekán, «id., pelo latim pelicānus, ἔ ἔ .

Português

. . . Ὁ.

Espanhol

. . . . . Ὁ

6.

ATMOSFERA. Do grego atmós, «vapor» + sphaîra , «esfera».

Português

. . . . .

Espanhol

. . . . .

7.

OSMOSE. Do grego Osmós- «impulso» +-ose.

Português

ἔ ἔ

Espanhol

ἔ ἔ

8.

SINTOMA. Do latim. symptōma, ἔ ἔ ἔ E este do grego σύμπτωμα.

Português

Ὁ Ὁἔ

Espanhol

ἔ ἔ

9.

VERTIGEM. Do latim vertīgo-īnis. ἔ ἔ

Português

ἔ ἔ

Espanhol

ἔ ἔ

10.

ACROBATA. Pelo francês Acrobate. Do grego akróbatos, - ἀκροβάτη.

Português

ἔ ἔ ἔ

Espanhol

ἔ ἔ ἔ

11.

ANEDOTA. Talvez do francês anecdote, e este do grego ἀνέκδοτα.

Português

ě ě ě

Espanhol

ě ě ě

12.

BUROCRATA. Do francês. Bureaucrate.

Português

ě ě ě

Espanhol

ě ě ě

13.

MICROFONE. Do grego mikrós, «pequeno» +phoné, «voz; som»)

Português

ě ě Oě

Espanhol

ě ě ě

14.

PSICOPATA. *Psico-* do grego ψυχο, e o grego πάθος.

Português

ě ě ě ě

Espanhol

ě ě ě

15.

TELEFONE. Tele- do grego τηλε- e –fono do gregoφωνο- e –φωνος.

Português

ě ě Oě

Espanhol

ě ě ě

16.

ALBUMINA. Do latim albūmen. ě Ěě

Português

ě ě Oě

Espanhol

ě ě ě

17.

REGIME. Do latim Re gīmen. ě ěđ

Português

ě Oě

Espanhol

ě ě

18.

TRAQUÉIA. Do latim trachīa, ě ě ů e este do grego τραχεία ἀρτηρία.

Português

ě ě

Espanhol

ě ě

19.

PARALISIA. Pelo latim paral]se, ě ě ě «paralisia» +-ia. Do grego Parálysis-.

Português

ě ě ě ě

Espanhol

ě ě ě